

Declaração de veracidade

Declaro para os devidos fins que os conteúdos/informações contidos neste Conjunto Documental são verdadeiros e autênticos.

Check list do que foi enviado:

1. Conjunto Documental enviado: Quadro II C – Processos de Registro de Bens Imateriais, na esfera municipal
2. Quantidade de pasta por Conjunto Documental: 01
3. Número total de páginas deste Conjunto Documental: **XX**

Santa Luzia, 17 de dezembro de 2021



Joana Maria Teixeira Coelho Moreira
Secretária Municipal de Cultura e Turismo

SANTA LUZIA/MG

QUADRO II – PROTEÇÃO

CONJUNTO DOCUMENTAL “C”

**PROCESSOS DE REGISTRO DE BENS IMATERIAIS,
NA ESFERA MUNICIPAL**

“CASA DE CULTURA LODE APARA”

CATEGORIA: LUGAR



ANO 2021

EXERCÍCIO 2023



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Sumário

Introdução	
1. Análise descritiva do bem cultural	
1.1. Breve biografia dos mentores espirituais da Casa de Cultura Lode Apara	
1.1.1. Pai Geraldo André	
1.1.2. Mãe Glória	
1.2. Histórico do bem cultural	
2. Descrição pormenorizada do bem cultural	
2.1. O candomblé	
2.2. A Casa de Cultura Lode Apara e a cultura banto	
2.3. Descrição do ambiente da Casa de Cultura Lode Apara	
2.4. Por que Casa ou Terreiro de candomblé?	
2.5. As atividades da Casa de Cultura Lode Apara	
2.6. Identificação dos atores sociais: pai, mãe, filhos, <i>ndumbe</i> e visitantes/simpatizantes	
2.7. A Casa de Cultura Lode Apara como ponto de apoio social	
3. Motivação do registro	
4. Anuência	
5. Documentação fotográfica	
6. Plano de salvaguarda	
6.1. Diagnóstico da situação do bem cultural imaterial na ocasião do início da instrução do processo de registro	
6.2. Diretrizes para a valorização e a continuidade do bem junto à comunidade e descrição detalhada das ações a serem desenvolvidas	
6.3. Cronograma gráfico das ações de salvaguarda	
7. Referências	
8. Ficha técnica	
9. Cópia da ata do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural	
10. Cópia do documento de homologação do processo de Registro	
11. Cópia da inscrição no Livro de Registro Municipal	



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

INTRODUÇÃO

Este dossiê visa fundamentar o Registro da Casa de Cultura Lode Apara como patrimônio cultural do município de Santa Luzia, para inscrição no livro de Registro dos Lugares. A solicitação de Registro do bem cultural foi proposta pelo presidente e mentor espiritual da Casa, Pai Geraldo André. Além desse pedido, no ano de 2019, a 6ª Promotoria de Justiça da Comarca de Santa Luzia/ MG – Defesa do Meio Ambiente, Habitação e Urbanismo, Patrimônio Histórico e Cultural – recomendou o inventário da Casa de Cultura Lode Apara. Diante desses dois pedidos, optou-se por instaurar o processo de Registro da Casa.

A Casa de Cultura Lode Apara, também denominada de Casa de Ogum Lode e Oxum Apara ou Casa de Cultura e Assistência Social e dos Cultos Afro-Brasileiros Ogum Lode e Oxum Apara, é um terreiro de candomblé Angola de tradição banto¹. A Casa está situada no bairro Duquesa I, distrito de São Benedito, no município de Santa Luzia/MG.

A Casa é conduzida pela Mam'etu² Aparasile, mais conhecida como Mãe Glória, e pelo Tat'etu³ Jalabo, Pai Geraldo André. Os *minkisi*⁴ que regem a Casa são Ogum e Oxum. O lugar mantém práticas culturais e religiosas dos povos bantos que foram trazidos ao Brasil como escravizados.

A Casa de Cultura Lode Apara atua no município de Santa Luzia desde o final da década de 1970. É um lugar liturgicamente organizado, em cujo espaço se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos associados ao culto dos *minkisi* e de todas as práticas culturais e ritualísticas da tradição banto do candomblé Angola.

O candomblé é uma religião iniciática e suas comunidades possuem características próprias referentes a uma organização social extremamente regrada e hierarquizada, baseada em um parentesco mítico, onde a chefia espiritual e terrena

¹ Utilizaremos a grafia aportuguesada banto e banta, por uma questão prática, e pela finalidade desse trabalho, que se trata de uma produção técnica de Dossiê de Registro.

² *Mam* significa mãe e *etu* nossa. Entendimento como “a mãe de todos nós” ou “nossa mãe”.

³ *Tat* significa pai e *etu* nosso. Entendimento como “o pai de todos nós” ou “o nosso pai”.

⁴ *Minkisi* é o plural de *nkisi*, divindade dos cultos de origem banta correspondente ao orixá nagô. Do quicongo *nkisi*, *nkixi*, entidade sobrenatural; ídolo, fetiche (LOPES, 1996). *Nkisi* também é grafada como *inquire*.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

encontra-se concentrada nas mãos da mãe ou pai de santo. É também um grupo social que congrega especialistas em vários rituais, como os que tocam os instrumentos, os que realizam os ritos de sacralização, os que preparam os alimentos votivos, os encarregados da coleta e preparo das ervas e muitos outros cujos títulos correspondem a tarefas específicas, todos sob a chefia do dirigente máximo dessas comunidades. São comunidades que apresentam, ainda, uma hierarquia sacerdotal baseada no tempo de iniciação, distinguindo aqueles já iniciados dos que estão sendo preparados para tal fim. Os segredos são revelados paulatinamente, e vários ritos de passagem vão concedendo aos mais velhos no culto a senioridade, que lhes possibilita ascender na hierarquia socioreligiosa.

Para produção do histórico da Casa de Cultura Lode Apra realizamos entrevistas semiestruturadas com os mentores espirituais da Casa e com alguns filhos do Terreiro, assim como pesquisa no site da instituição⁵.

Com as entrevistas e conversas informais foi possível identificar os valores histórico, social, cultural e religioso associados à Casa de Cultura Lode Apra, e assim justificar o reconhecimento e preservação legal desse lugar, propondo medidas de salvaguarda deste bem cultural imaterial.

⁵ O endereço eletrônico da Casa de Cultura Lode Apra é: <https://www.lodeapara.com/>



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

1. ANÁLISE DESCRITIVA DO BEM CULTURAL

1.1. Breve biografia dos mentores espirituais da Casa de Cultura Lode Apara⁶

1.1.1. Pai Geraldo André

Geraldo André da Silva nasceu no dia 11 de novembro de 1944 no município de Rio Casca, Minas Gerais. É o caçula de uma família de 12 irmãos. Com cinco anos de idade sua família mudou-se para a cidade de Belo Horizonte, estabelecendo residência no bairro Cachoeirinha. Quando ele tinha sete anos de idade sua mãe faleceu e aos 11 anos perdeu o pai. Sem ter muito que fazer, sendo o caçula da família, passou a ser levado para a casa dos irmãos mais velhos, que faziam um revezamento na intenção de dividir os custos e a responsabilidade com o seu cuidado.

Aos 13 anos, não contente com a situação em que vivia, optou por não morar mais com os irmãos. Conseguiu um trabalho de auxiliar de lanternagem e pintura em uma oficina mecânica, próxima ao Hospital Pronto Socorro Municipal de Belo Horizonte, que na época ficava na rua dos Otoni, onde na troca da mão de obra lhe era permitido dormir e comer na oficina.

Na vida de infância difícil um amigo foi importante, Geraldo Ramos Filho, mais conhecido como Geraldo Negão. A amizade começou em função do futebol que ocorria em um campo próximo à oficina na qual Geraldo André trabalhava, e da amizade de futebol veio o convite para ensinar ao amigo as técnicas de lanternagem e pintura, pois ele não trabalhava e não tinha ocupação para o restante do tempo diário.

Nessa amizade e no trabalho diário em oficinas de carros, surge a figura de dona Otilia da Silva Ramos, cozinheira do Hospital Pronto Socorro Municipal⁷, que ficou contente com a nova amizade do filho Geraldo Ramos Filho, que agora tinha ocupação

⁶ A biografia dos mentores espirituais da Casa foi extraída do Portfólio Casa de Cultura Lode Apara produzido no ano de 2017. Fizemos alguns acréscimos ou correções a partir dos dados levantados com as entrevistas semiestruturadas com os mentores espirituais da Casa.

⁷ O Hospital Maria Amélia Lins (HMAL), localizado à rua dos Otoni, 772, Santa Efigênia, em Belo Horizonte, foi inaugurado em 1947. Ao iniciar suas atividades, tinha a missão de atuar como Pronto-Socorro e Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. Com a construção do Hospital de Pronto-Socorro João XXIII em 1973, mudou seu foco de atendimento e se transformou numa policlínica. (Disponível em: <http://www.fhemig.mg.gov.br/atendimento/complexo-hospitalar-de-urgencia/hospital-maria-amelia-lins>. Acesso em: 09 de set de 2021.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

ao invés de passar o tempo todo no campo de futebol. Certa noite, dona Otília pediu a seu filho, Geraldo Negão, que convidasse o novo amigo para jantar em sua casa, e Geraldo André aceita. Chegando lá, ela se apresentava de forma diferente das que ele normalmente via, quando ela passava em frente da oficina mecânica. Estava sentada em um pedaço de toco de árvore e fumando um cachimbo. Quando Geraldo André se aproxima e inicia um diálogo, “ela” se apresenta como Pai Joaquim. Não se tratava mais de dona Otília e sim dela incorporada pelo Preto Velho para o qual ela trabalhava. Pai Joaquim conversa com Geraldo André e ele em nada se concentra, a não ser em sair dali o mais rápido possível. Ao acabar a conversa, Geraldo André dá uma bronca no amigo: “não me chama mais para estas coisas não que não acredito nisto!”.

Alguns dias se passaram e Geraldo Negão faz outro convite ao amigo Geraldo André: “vamos até lá em casa que mamãe quer falar com você”; ressabiado Geraldo André vai até a casa do amigo e, chegando lá, dona Otília o convida para uma festa tradicional (fogueira de São João) que ela fazia todos os anos na favela do Perrela, onde morava. Geraldo André aceita e vai até a festa, que por sinal era muito bonita e muito tradicional, pois movimentava todos da favela do Perrela e da dos Urubus, que era logo ao lado. Ao final da festa, quando Geraldo André olha, lá estava o Preto Velho Pai Joaquim incorporado na dona Otília, e novamente Pai Joaquim conversou com Geraldo André, momento no qual os medos e desconfiança diminuíram. A relação de amizade foi se estreitando e a boa convivência fez com que dona Otília oferecesse a Geraldo André para que ele morasse na casa dela, dormindo no mesmo quarto que seu amigo.

Dona Otília era muito conhecida onde morava por ser uma pessoa que auxiliava muito os moradores da comunidade, ajudas que sempre vinham sem interesse e com o propósito de diminuir as dificuldades das pessoas; a alguns ajudava com o abrigo, a outros ajudava com comida que trazia do hospital, a vários outros ajudava com rezas e benzeções com suas entidades.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Dona Otília.

S/d

Fonte: acervo da Casa de Cultura Lode Apara

Certo dia na casa de dona Otília, quando Geraldo André chegou da oficina notou que tinha outra pessoa incorporada: se tratava de Pai Geraldo Augusto, incorporado pela entidade Exu das Sete Encruzilhadas. Dona Otília disse ao Sete Encruzilhadas: esse é meu novo filho que falei com o Sr. Sete Encruzilhadas. O Exu das Sete Encruzilhadas chama Geraldo André e pede para lhe ver a mão; Geraldo André lhe estende a mão e as primeiras palavras proferidas por Sete Encruzilhadas foram: “Você tem uma missão muito grande e vai atravessar o oceano. Você vai para África!”. Aquela era a primeira conversa com o Sete Encruzilhadas. Dessa conversa vieram várias outras, e em algumas delas para Pai Geraldo Augusto recebe o recado de que preparasse o jovem garoto para a missão que ele teria pela frente.

Geraldo André passou a frequentar o terreiro de Pai Geraldo Augusto localizado no Quilombo de Indaiá, na cidade de Antônio Dias/MG. Entretanto, chegava à idade de servir o exército. Com a ida para o serviço militar, a falta de tempo o prejudicava de estar tão presente na Casa de Pai Geraldo Augusto, mas sempre que podia ia até lá. Após esse período, Geraldo André se fez mais presente no terreiro de Pai Geraldo

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Augusto e em 10 de julho de 1962 foi iniciado pelo Caboclo Sete Cachoeiras, recebendo a *djina*⁸ de Jalabo. Após o falecimento de Pai Geraldo Augusto, em março de 1979, Geraldo André (Tat’etu Jalabo) deu prosseguimento a suas obrigações com o Pai César de Oxalá, que lhe concedeu os direitos (Cuia⁹) para que pudesse exercer suas atividades dentro da Casa de Cultura Lode Apra. Após a morte de Pai César de Oxalá, Pai Geraldo André passou a ser filho de Tosnande.



Pai César de Oxalá em pé e Tat’etu Jalabo, sentado, recebendo os direitos, e ao seu lado Mãe Glória.

Data: década de 1970.

Fonte: acervo da Casa de Cultura Lode Apra

1.1.2. Mãe Glória

Glória Suzete da Silva nasceu no dia 4 de maio de 1947, na cidade de Belo Horizonte. É filha de Maria Rita de Souza, natural de São Brás do Suaçuí, e de Manoel José de Oliveira, natural de Teófilo Otoni. Glória Suzete teve o seu primeiro contato com a religião ainda criança, através de sua avó, Maria José de Oliveira, que era parteira e benzedeira na cidade São Brás do Suaçuí. Aos quatro anos de idade perdeu o pai e aos

⁸ Nome que a pessoa recebe ao passar pelo processo de iniciação ou confirmação no candomblé Angola.

⁹ É o símbolo primordial, na hierarquia do candomblé, que dá plenos poderes religiosos ao iniciado e que lhe confere o “cargo” de sacerdote/sacerdotisa. (KILEUY; OXAGUIA, 2009)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

12 a mãe. A orfandade a obrigou a continuar as atividades laborais de sua mãe, isto é, lavar e passar roupa para conseguir se sustentar e ajudar a criar sua irmã mais nova, de 6 anos.

Na trajetória de vida difícil a religião sempre esteve presente, mesmo que ainda de forma inconsciente. Na adolescência sofria de desmaios constantes, que nunca foram diagnosticados pelos médicos. Tomou durante dois anos remédio controlado na intenção de melhorar os desmaios repentinos, também sem sucesso. Certa vez foi convidada a ir a um terreiro para conhecer e, chegando lá, teve a informação que o motivo dos desmaios era “coisa de santo” e que tão logo precisaria “fazer o santo”.

Aos 19 anos, em 1966, começou a namorar Geraldo André, que dois anos depois a levou para conhecer o Pai Geraldo do Indaiá, como era conhecido Pai Geraldo Augusto, ou Geraldo de Oxalá. Na ocasião, Pai Geraldo Augusto estava na casa de dona Otília Ramos, mãe adotiva de Geraldo André. Chegando lá, Pai Geraldo Augusto estava incorporado da entidade Sete Encruzilhadas, com a qual ele trabalhava e que, junto com Sete Cachoeiras, eram as entidades mentoras de seu terreiro no Quilombo de Indaiá. Ao chegar próximo, Sete Encruzilhadas estendeu a mão a Glória Suzete, lhe oferecendo um aperto de mão, e quando ela segurou a mão de Sete Encruzilhadas ele a olhou nos olhos e disse: Você vai ser Yalorisá! Para Glória nenhuma daquelas palavras fazia sentido algum, primeiro por não entender e segundo por não acreditar muito.

O tempo passou e Glória Suzete começou a frequentar o terreiro de Pai Geraldo Augusto, no Indaiá. Em outubro de 1974, Glória Suzete foi iniciada na nação Omolocô, no terreiro de Pai Geraldo Augusto, pelas mãos de dona Otília Ramos, que era uma das pessoas mais antigas da casa. Glória Suzete o acompanhou fielmente até março de 1979, quando Pai Geraldo Augusto faleceu. Antes de Pai Geraldo Augusto falecer, a entidade Sete Cachoeiras falou para Glória Suzete tomar conta da Casa junto com Pai Geraldo André, e em outro momento a orientou a procurar Mãe Maria Paulina, *djina* de Odedey, para dar prosseguimento a suas obrigações. Em 1980, Mãe Glória é iniciada no candomblé Angola por Mãe Maria Paulina.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Sessão de reabertura do terreiro e comemoração de 70 anos de ofício de Mãe Paulina de Oxóssi.

Data: 24 de abril de 1994.

Acervo: Tata Kasulembe

Em outubro de 1983, Glória recebeu das mãos de Maria Paulina a Cuia, e então lhe foi conferido o cargo de *Man'etu ria Nkisi*, podendo então dar continuidade à Casa deixada por Pai Geraldo Augusto. Com o falecimento de Mãe Maria Paulina, Mãe Glória deu continuidade a suas obrigações com a Yalorixá Mãe Sylvia de Oxalá, que foi iniciada por Pai Caio de Xangô.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Mãe Glória à direita e Maria Paulina de costas na sessão de comemoração de seus 70 anos de ofício.

Data: 24 de abril de 1994.

Acervo: Tata Kasulembe



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

1.2. Histórico do bem cultural

A história de constituição da Casa de Cultura Lode Apara está vinculada à trajetória de encontros entre Vó Otília da Silva Ramos, Pai Geraldo Augusto e os atuais mentores espirituais da Casa, Pai Geraldo André e Mãe Glória.

Dona Otília, natural de Diamantina, viveu parte de sua vida em Belo Horizonte, na antiga favela do Perrela, situada às margens do ribeirão Arrudas. Na sala de sua residência ela incorporava algumas entidades. Otília era muito amiga de Pai Geraldo Augusto – zelador de um terreiro localizado na comunidade quilombola Indaiá, do município de Antônio Dias/MG –, que frequentava sua residência e também incorporava as entidades Caboclo Sete Cachoeiras e Exu das Sete Encruzilhadas.

Otília tornou-se mãe de criação de Pai Geraldo André quando ele tinha 15 anos de idade, isto é, em 1959. Pai Geraldo André narrou da seguinte forma o seu encontro com Otília e, posteriormente, sua aproximação com o Pai Geraldo Augusto:

Eu nasci em Rio Casca, Minas Gerais. Minha família morava em Rio Casca. Eu sou o décimo segundo filho de uma família lavradora, mas não lavradora, eu digo assim de escravizados. A minha família ficava cuidando de fazenda de outros, de senhores. Com cinco anos de idade, eu com cinco anos de idade, nós viemos para Belo Horizonte. Aí meus pais morreram. Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos e meu pai quando eu tinha onze anos. Meus pais moraram no bairro Cachoeirinha. Aí eu perdi meu pai e minha mãe e meus irmãos mais velhos já tinham criado família etc. Sabe o que aconteceu? Eu fiquei na rua. Na rua estava mais livre para enxergar a vida e falar assim: o que eu quero da vida? Como se eu tivesse condição disso, né? Então, eu vivia na rua; não bem na rua, pois eu trabalhava nas oficinas mecânicas. Eu ficava limpando peça, dormia na oficina. Eu consegui fazer até a quarta série primária no Grupo Silvano Brandão. Com quinze anos eu conheci, ou melhor, uma dona me conheceu. Ela era cozinheira do hospital Pronto Socorro, que ficava na rua dos Otoni. Eu trabalhava na oficina que fazia divisão com o Pronto Socorro. Eu sempre gostei de cantar por uma questão da tradição. Aí você vai perguntar: seu pai era iniciado? Não. Meu pai era escravo, mas tinha as tradições africanas: canta enquanto capina, canta enquanto planta e assim vai. Então, aí eu aprendi cantar. Na oficina eu vivia cantando. Essa senhora, que era cozinheira, que trabalhava no quinto andar do prédio, ficava me olhando cantar lá embaixo, na oficina, sem eu saber de nada. Eu lembro que quando ela passava na porta da oficina, para ir embora, quando largava o serviço, ela olhava lá para dentro da oficina.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Aí eu mudei de oficina e nunca tinha conversado com ela. Fui para outra oficina na avenida Contorno, perto do Hospital Militar, perto do ribeirão Arrudas, quase avenida dos Andradas. Não é que essa dona passava na porta dessa oficina todo dia? Ela parava na porta da oficina e me olhava. Lá tava eu cantando e ela ia embora. Ela morava na favela que tinha ali. Favela do Perrela. Então, ela morava nessa favela e eu sempre que dava uma brecha na oficina, você sabe como é menino, eu ia jogar bola no campo de futebol que tinha perto dessa favela. Eu jogava pelada com os meninos e quando tinha serviço na oficina o dono da oficina me chamava; eu corria e ia trabalhar. Tinha um menino que me chamava de Pelezinho. Esse menino me pedia para eu levar ele para oficina, para ele aprender. De tanto que esse menino me encheu a paciência, que um dia eu falei para o dono da oficina: que tinha um menino, que era um colega de bola, que queria aprender a profissão. Aí esse menino começou a trabalhar na oficina e eu comecei a ensinar ele. Nessa época eu tinha catorze anos de idade. Aí a cozinheira passou na oficina e esse menino disse: peraí Pelezinho, que eu vou ali conversar com a minha mãe. Aí eu assustei e pensei: nossa! essa dona é a mãe desse menino.

Por que eu contei essa história toda? Para ver a história dessa dona. Como ela entra no imaterial. O nome dela era Otilia. Ela foi uma das maiores curandeiras daqui de Santa Luzia. Aí um dia esse menino fala: minha mãe está chamando você lá em casa. Por que ela está me chamando? Ele disse: não sei. Ela está te chamando lá.

Chego lá e a dona disse: nós fazemos aqui todo ano uma fogueira de São João, e sábado vai ser a fogueira de São João e eu queria te convidar. Estou muito feliz que você está ensinando o meu filho trabalhar. Eu estou muito agradecida e gostaria que você viesse na fogueira de São João. Eu fui na fogueira. Chego lá e tinha canjica, quentão, quadrilha, tudo o que tem direito a uma fogueira. A festa acabou duas horas da manhã e ela disse para mim: por que você não dorme aqui? Dorme com o Geraldo. O menino chamava Geraldo também, Geraldo Negão. Eu dormi lá naquela noite. No outro dia de manhã voltei para oficina. A vida continuou.

Depois de alguns dias o menino disse que a mãe dele estava me chamando de novo. Eu fui lá e quando eu chego lá, ela estava incorporada com o Preto Velho. Eu tomei um susto, mas um susto enorme. O Preto Velho me deu um passe. Aí ele disse para mim que eu tinha uma missão, mas eu não entendi nada. Estava doido para voltar para oficina. Com muito custo consegui me livrar dela.

Tinha um Centro Espírita no final da favela e ela frequentava lá. Mas eu nunca tinha ido lá. Nem pensava nisso. Meu negócio era só trabalhar, almoçar, jantar e pronto e ia muito ao cinema. Eu gostava. Um dia, de novo, ela mandou me chamar. Eu chego na casa dela e um senhor branco, velho, estava lá. Ela disse: eu quero te apresentar aqui o Geraldo Augusto, ele era também Geraldo, ele era pai de santo de um quilombo, o quilombo do Indaiá, em Antônio Dias, perto de Nova Era. Aí eu disse: por que esse moço quer me conhecer? Aí ela disse: esse aqui é o meu filho mais velho, ela me chamava de filho. Nessa



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

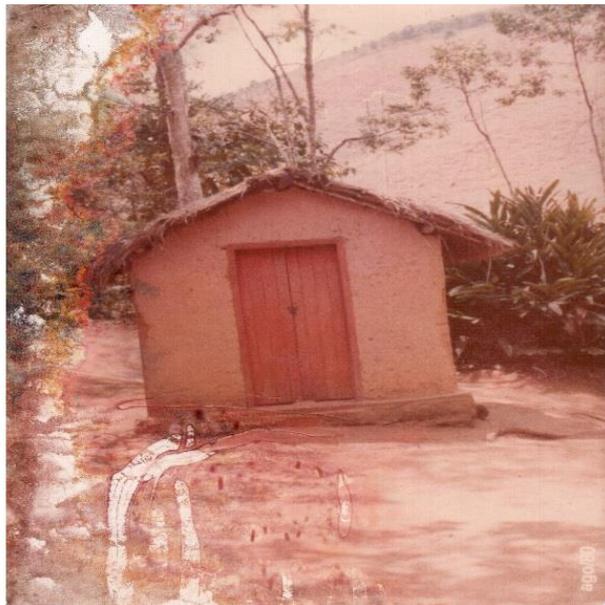
Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

época eu era íntimo da casa: dormia lá, ficava lá. Aí eu pensei: acho que ganhei uma família.

Aí quando o Geraldo Augusto foi me cumprimentar, ele incorporou uma entidade. Outra vez eu tomei um sustão. Aí a entidade dele pegou a minha mão e falou tanta coisa. Falou tanta coisa sobre mim; ele disse: você irá viajar para outro lugar do mundo. Ele falou com a dona Otília assim: tem que levar ele pro Indaiá. Ele vai ser preparado para a missão que ele ainda vai ter. Aí dona Otília queria me explicar, mas ela não sabia como.

Depois de algum tempo nós fomos para Indaiá. Aí eu fiquei em Indaiá. Fui iniciado e foi lá que eu fui saber o que era o espiritualismo. Eu ficava muito mais lá do que em Belo Horizonte. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa.)

Pai Geraldo André foi confirmando 1962 pelo Caboclo Sete Cachoeiras, recebendo a *djina* de Jalabo.



Casa de Exu Sete Encruzilhadas do Terreiro de Pai Geraldo Augusto de Oxalá na comunidade quilombola Indaiá.

Sem data

Fonte: acervo da Casa de Cultura Lode Apara

No final da década de 1970 inicia-se o processo de remoção dos habitantes da favela do Perrela pelo poder público e dona Otília, juntamente como seus filhos, é transferida para Santa Luzia, no bairro Frimisa.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Vista parcial da favela do Perrela em 1965

Fonte: acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte



Vista do ribeirão Arrudas; à esquerda favela Paia de Arroz, à direita favela do Perrela e ao fundo o bairro de Santa Tereza. Década de 1960

Fonte: acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

“Nós morávamos na favela Perrela. O governo ia canalizar o ribeirão Arrudas. E para canalizar o Arrudas tinha que desabitatar um monte de gente. Desapropriou a favela toda. Aí o governo mandou a gente para o Carreira Comprida [Frimisa], aqui em Santa Luzia. Chegando aqui,



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Geraldo Augusto começou a construir o terreiro aqui, em Santa Luzia, no bairro Carreira Comprida. A ata de fundação da casa foi feita com ele. Ele fundou a casa e eu fiquei como presidente da Casa e sou até hoje. Por isso que nós viemos para Santa Luzia. Geraldo Augusto trouxe para cá o candomblé, que a gente praticava lá. Os mistérios nós fomos aprendendo lá [em Indaiá] e aplicando aqui. Ele morreu, mas a obra ficou e está até hoje. Nós herdamos a responsabilidade toda. Naquela época a gente não sabia da responsabilidade que era de assumir isso. Tinha um monte de filhos de santos não iniciados, mas para serem iniciados, inclusive a Mãe Glória. De iniciado só tinha eu. Toda semana tinha sessão e antes era domingo à tarde. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)

Mãe Glória conheceu Pai Geraldo André no bairro Gameleira, em Belo Horizonte, e começaram a namorar em 1965. Dois anos depois, Mãe Glória encontra Pai Geraldo Augusto na casa de dona Otília, ainda na favela do Perrela.

Eu conheci o Pai Geraldo André e só depois que fiquei sabendo que ele era ogã, que ele tinha questão de santo. Teve uma coisa interessante, porque a minha entrada para o candomblé foi realmente por questão de doença, porque eu tinha um problema que os médicos classificaram como epilepsia. Fiz tratamento com doutor Evandro Castro Lima durante dois anos tomando gardenal e fazendo exames de cabeça. Aí o Geraldo [André] falou: vou te levar na casa do meu Pai [Geraldo Augusto]. Chegando lá, o Exu [Pai Geraldo Augusto recebia um Exu de nome Sete Encruzilhadas] falou comigo: isso que você tem é espiritual, vou fazer umas coisas pra você, vou te dar uns banhos e fazer umas coisas pra sua cabeça. Quem fez foi dona Otília e Maria, que era Mãe pequena da casa dele. Se você melhorar é santo e realmente melhorei, então considerei que realmente era espiritual. E nunca mais precisei tomar remédio. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Vista da Frimisa (Frigorífico Minas Gerais) e ao fundo conjunto habitacional, formação do bairro Frimisa em Santa Luzia. Data 1971.

Fonte: www.facebook.com/Memoria-Santa-Luzia-MG

Em 1979, Pai Geraldo Augusto faleceu e Geraldo André tornou-se o mentor espiritual da Casa ao lado de vó Otília, nome de referência do Terreiro no período que funcionou no bairro Frimisa. Segundo Mãe Glória, somente após a morte de Pai Geraldo Augusto o terreiro da comunidade quilombola de Indaiá foi transferido para a casa de vó Otília, na rua XZ, nº 47, bairro Frimisa, em Santa Luzia. Nesse local o terreiro funcionou até o ano de 1994, pois com o falecimento de vó Otília, em 1992, tornou-se inviável a manutenção da Casa num espaço que passou a ser de herdeiros, filhos de sangue de Otília. Dessa forma, a Casa foi transferida para o atual endereço, rua H, nº 58, bairro Duquesa I, Santa Luzia. Mãe Glória assim narra essa parte da história da Casa:

Nunca tive a pretensão de ser Ialorixá. Eu só fui Ialorixá porque antes do seu Geraldo Augusto falecer o Caboclo dele, Sete Cachoeiras, falou comigo: olha, meu filho vai fazer uma viagem; você e Geraldinho [Geraldo André] tomam conta da Casa pra mim? Aí falei: tomo. Pode ficar tranquilo que tomo conta da Casa até você voltar. Três meses depois, ele [Geraldo Augusto], faleceu [1979]. Eu estou tomando conta dessa Casa até hoje. Nós trouxemos o terreiro do Indaiá, porque o lote não era dele; era das irmãs dele. Então, nós trouxemos todos os assentamentos e fundamos no fundo da casa de dona Otília, rua XZ, nº47. Fazia um som naqueles tambores e ali dona



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Otília recebia o caboclo dela, Pena Roxa, o Sete Encruzilhadas, que era o Exu dela, e também a Preta Velha dela, que também fazia muita cura. Então, ela era muito procurada pra isso. Na Frimisa inteira ela era conhecida como vó Otília. A Frimisa toda, todo mundo, ia na casa de vó Otília.

Mais de 12 anos nós ficamos lá, enquanto ela teve vida nós ficamos na Frimisa. Ali começou a Casa de Ogum Lode Oxum Apará. Ali dávamos os toques, foi ali que fiz os meus primeiros filhos de santo, meus primeiros *muzenzas*.

Com a morte de vó Otília (...) nós ficamos num espaço em que a gente começou a incomodar, mas a gente também não podia sair de lá de qualquer forma, porque a mudança, a transferência de axé¹⁰ ela é muito difícil. É a mesma coisa de você chegar num lugar e todo dia você falar com uma pessoa as mesmas palavras, as mesmas coisas, no dia que você não vai, a pessoa está te esperando. Assim são as forças da natureza. Se chego numa árvore e converso com ela, falo com ela e no dia que não for ela vai ficar me esperando. A transferência desse axé pra cá [para o bairro Duquesa I] foi muito difícil. Foi difícil financeiramente e foi difícil também para poder sacralizar o espaço. O espaço é sacralizado, tudo que você vê aqui é sagrado. O solo é sagrado. Ficamos mais de um ano trazendo os axés pra cá, os fundamentos pra cá e continuando focar lá. Até trazer todos os santos, todo o fundamento do chão. Todo fundamento da cumeeira¹¹. Temos um chão aqui, temos a cumeeira ali, temos esse pilar aqui que é a sustentabilidade da Casa. Então, isso tudo é sagrado, isso tudo é preparado. Quem fez o fundamento da Casa foi a minha Mãe Paulina [Maria Paulina de Oxóssi]. Ela que fez os assentamentos do chão, porque tem que ser feito. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)

¹⁰ O termo axé (usado pela nação ioruba) é um poder invisível que transmite uma energia divina e intocável que as pessoas só pressentem. Denominado de *hamba* ou *nguzu* pela nação banto, e *exá*, pelo povo *fon*, a palavra axé se generalizou, se popularizou e passou a ser aceita e utilizada também pelas demais nações-irmãs. O axé é a força que produz crescimento. Sem o axé nada existe, nada se harmoniza nem se interliga, pois ele é quem faz as coisas acontecerem. Para que isso ocorra é necessária a união do ser humano com os rituais, com as cantigas e com o uso de palavras de encantamento. O axé circula na vida, no sangue, na terra que permite o nascimento e o crescimento das plantas, nas ervas, nas frutas, nos alimentos litúrgicos, nos objetos da casa de candomblé, na vida das pessoas. (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009).

¹¹ A cumeeira é o ponto central da energia do barracão (*sambilê*), a base, a estrutura e o cerne de uma casa de candomblé. Por funcionar como uma espécie de “para-raios”, precisa ser muito bem preparada para proporcionar defesa à comunidade. Encontra-se colocada na parte mais alta do barracão, geralmente em um poste, pilar de madeira ou em cavilhas projetadas do teto. (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009).

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Indicação de localização da Casa de Cultura Lode Apara, esquina da rua H com rua G, bairro Duquesa I.

Data: 2021

Fonte: Google Earth

Vó Otília, segundo Mãe Glória, foi curandeira muito famosa em Santa Luzia:

Ela fazia remédio, dava garrafada, curava as pessoas, mas nunca pertenceu à faculdade. Ela tinha um patuá para hemorroida, que as pessoas usavam e ficavam curadas. Ela tinha oração para parar hemorragia, benzina e a hemorragia parava. Fazia garrafada, chá e curava. Era uma curandeira mesmo, era muito procurada, tanto é que o túmulo que ela tem aqui em Santa Luzia foi o prefeito que deu. Na Frimisa ela que era a Mãe. Dona Otília acolhia, benzina as pessoas, dava conselho, ajudava através de banhos, de chás, porque nós trabalhamos com a natureza. Porque o barro cura, a água cura, a folha cura, as raízes curam, a pedra cura, tudo na natureza cura. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)

Em 1998, Pai Geraldo André teve a oportunidade de ir trabalhar em Angola, África, e ficou por lá durante 12 anos. Segundo ele, o tempo em que passou em Angola contribuiu para aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a cultura banto, assim como as



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

tradições africanas vinculadas ao modo de vida e ao espiritual. Auxiliou muito para sua formação e entendimento do universo e da ancestralidade. Em 2010, Pai Geraldo André retorna de Angola e continua, junto com Mãe Glória, como responsável pela Casa de Cultura Lode Apará.

Segundo Braga (2014), em Santa Luzia há dezoito Terreiros de candomblé. As comunidades mais antigas, de acordo com a autora, pertencem à nação Angola. O “Terreiro de Candomblé Netos de Mineiro”, fundado em 1971 e instalado em Santa Luzia no início da década de 1990, no bairro São Benedito, é a comunidade mais antiga. Entretanto, segundo Braga (2014), a primeira comunidade presente no município foi a “Casa de Cultura Lode e Apará”, fundada em 1980. Ainda de acordo com a autora, na década de 1990 registrou-se um crescimento significativo dos terreiros em Santa Luzia: nove das comunidades pesquisadas foram fundadas neste período.

Segundo Castanha (2018), em Minas Gerais as pesquisas sobre religiões afro-brasileiras presentes no estado são escassas. Castanha (2018) afirma que na contramão do que ocorreu em Salvador e na Bahia, em Belo Horizonte e Região Metropolitana a umbanda precedeu o candomblé e foi sob a influência desta que o candomblé angariou espaço na região. Moraes (2006) aponta que em Belo Horizonte o candomblé chegou como um complemento à umbanda e contou com a colaboração de grupos de outros estados, sobretudo da Bahia e do Rio de Janeiro. Os terreiros de umbanda na capital mineira datam da primeira metade do século XX, enquanto os terreiros de candomblé vieram a se formar mais tarde, a partir da década de 1960.

De acordo com Moraes (2006), o primeiro terreiro de nação ketu fundado em Belo Horizonte é o Ilé Wopô Olojukan, único terreiro da cidade de Belo Horizonte tombado pelo município, no ano de 1995 (Processo Nº 0109153349580/1995). Esse terreiro teve sua primeira instalação na cidade de Santa Luzia (década de 1960), feita pelo senhor Carlos Ribeiro da Silva, conhecido como Olojukan do Oxossi, que veio da Bahia com sua Mãe de santo Daxê para assistir à festa de Iemanjá na Lagoa da Pampulha, em 1964, e acabou ficando na cidade e construindo seu terreiro (Moraes, 2006). Assim sendo, podemos afirmar que o primeiro registro de um terreiro de



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

candomblé fundado em Santa Luzia foi o Ilé Wopô Olojukan. De lá, Olojukan passou por outros lugares até se instalar no bairro Aarão Reis, na capital, onde existe até hoje.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2. DESCRIÇÃO PORMENORIZADA DO BEM CULTURAL

2.1. O candomblé

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. Segundo Santos (2008), a diáspora africana foi responsável não só pela travessia, assentamento e reorganização dos orixás em terras brasileiras, mas também pelo assentamento de todo um universo cultural africano. De acordo com Kileuy e Oxaguiã (2009), é a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquice¹² (étimo banto entre as nações Congo e Angola), orixás (étimo yorubá entre as nações Nagô, Queto e Ijexá) ou voduns (étimo *fon* entre as nações Jeje) – seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e administradores.

Há várias interpretações etimológicas para o termo candomblé. Para Kileuy e Oxaguiã (2009), a palavra “candomblé” parece ter se originado de um termo da nação banto, *candombe*, traduzido como “dança, batuque” (p. 29). Essa palavra se referia às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e divinas dos negros escravizados, nas senzalas, em seus momentos de folga, popularizando-se. Já para Barros (2007), candomblé é de étimo quimbundo¹³ e significa “reza, louvação, pedir pela intercessão dos deuses e local onde se realiza o culto” (p. 6).

De acordo com Barbosa Júnior (2011), o candomblé não existia na África tal qual o conhecemos, uma vez que, naquele continente, o culto aos orixás era segmentado por regiões (cada região e, portanto, uma dada família/clã cultuavam determinado orixá ou apenas alguns). No Brasil, os orixás tiveram seus cultos reunidos em terreiros, com variações, evidentemente, assim como com interpretações teológicas e litúrgicas das diversas nações.

Ainda de acordo com Barbosa Júnior (2011), embora haja farta bibliografia a respeito do candomblé, e muitas de suas festas sejam públicas e abertas a não iniciados,

¹² Inquice é o mesmo que *nkisi*.

¹³ Língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

trata-se de uma religião iniciática, com ensino-aprendizagem pautado pela oralidade, com conteúdo exotérico (de domínio público) e esotérico (segredos dos mais diversos, transmitidos apenas aos iniciados).

Sobre esse aspecto – o que pode ser publicizado e o que é privado/segredo no candomblé –, Pai Geraldo André aponta que:

Sou responsável por preservar a tradição em toda sua amplitude. Essas tradições podem ser verbalizadas... eu costumo dizer que elas podem ser esotéricas e exotéricas. Esotérica diz respeito simplesmente às coisas internas de quem está dentro dessa irmandade, são preparadas para isso, né? Exotérica é aquilo que eu posso deixar para a comunidade não iniciada tomar conhecimento, mas com a grande responsabilidade de que as pessoas que não têm acesso ao esotérico, que elas saibam que tem naquilo tudo uma mensagem que vai afetá-las de alguma forma, positivamente ou negativamente. Então, cabe a mim garantir que essa ritualística siga esse esoterismo e esse exoterismo. Cada uma dessas partes é recheada de símbolos, adereços, alegorias, cantorias, teatro. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)

2.2. A Casa de Cultura Lode Apara e a cultura banto

A Casa de Cultura Lode Apara realiza suas práticas litúrgicas voltadas para os cultos dos ancestrais, procurando sempre não se distanciar das raízes vindas de Angola/Congo. Além disso, a Casa busca manter os princípios e as práticas da cultura banto. A cultura banto é muito propagada por historiadores e linguistas como um contributo linguístico para o português desenvolvido na América Portuguesa, hoje conhecido como português brasileiro. Segundo Melo (2018), dos quatro milhões de indivíduos trazidos da África subsaariana¹⁴ para o trabalho escravo no Brasil, 75% eram provenientes do mundo banto-falante, de territórios situados atualmente em Angola e nos dois Congos. Os aportes bantos, como senzala, mucama e quilombo, estão associados ao regime da escravidão e simultaneamente integrados no sistema linguístico do português, formando derivados a partir de uma mesma raiz banto, a exemplo

¹⁴ De acordo com Carneiro (1981), os negros bantos chegados ao Brasil procediam, principalmente, de Angola, do Congo, de Benguela, de Cabinda, de Mossamedes, na África Ocidental, e de Moçambique e do Quelimane, na Contra-Costa.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

de esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira e caçulinha. A constatação desse fato demonstra a anterioridade da presença banto e a amplitude alcançada pela sua distribuição humana no território colonial brasileiro, ante outros povos negro-africanos escravizados.

Segundo Altuna (2014, Apud Oliveira, 2018) os bantos, além do nítido parentesco linguístico, conservam um fundo de crenças, ritos, costumes similares, uma cultura com traços específicos e idênticos que os assemelha e agrupa, independentemente da identidade racial. Assim, é possível falar em um povo banto, ainda que subdividido em múltiplos grupos de características culturais acidentais muito variáveis e com uma história diversa e até antagônica. Cunha Junior (2010) destaca que na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O *Muntu* é a pessoa constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra como um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade, é expressa pela palavra Bantu. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva.

A cultura banto é transmitida, vivenciada e celebrada durante e depois dos rituais do candomblé angola. Segundo os membros da Casa de Cultura Lode Apara, a cultura banto é definida como:

A cultura banto para nós é o ato de cultuar os nossos ancestrais, embora muitas coisas se perderam na travessia de lá [África] pra cá [Brasil]. Hoje, nessa tradição ocidental, os filhos não têm esse costume de tomar benção, não pede licença para os pais. Então, nós temos uma forma de tradição que ensina para as crianças a forma de proceder, de comportar, de respeito pelo seu ancestral. É igual o pessoal da igreja católica; vão lá e vê Deus? Não vê, mas respeitam, todo mundo respeita, respeita a hóstia. Nós somos a mesma coisa. Só que o nosso diferencial é: eu respeito uma árvore, não vou apanhar uma folha de uma árvore se não tiver permissão, o máximo que vou apanhar é se a folha estiver caída. A fruta dela da mesma forma. Tem árvore que é sagrada pra mim e não posso nem pegar nada, alguém tem que pegar pra mim. Eu não vou na cachoeira para poder brincar,



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

vou na cachoeira para tomar um banho, para energizar, porque pra mim a água é sagrada. Quando vou no mar, tomo meu banho de mar, mas jamais vou fazer algo que sei que aos olhos dos orixás não seria permitido. Então temos muito isso: a pedra pra mim é sagrada, o fruto pra mim é sagrado, a água e a terra são sagradas. Quando entro aqui [em referência ao terreiro] estou calçada, mas quando chego numa Casa que não foi me dada a permissão, nem calçada entro, tem que entrar descalço, tem que pedir permissão. Porque aquele solo não é meu. Então, isso tudo são tradições banto. Até mesmo a comida. Você deve ter observado, que no almoço muita gente sentou aqui fora, mas teve outros que sentou com a gente lá na mesa, porque eles não sentaram? Porque eles não têm permissão de sentar na mesa com a gente, não têm idade, não têm cargo. Então a cultura banto nos traz isso tudo e a gente tenta dentro do nosso candomblé resgatar, porque hoje tudo se perdeu muito na educação dos filhos. Nós temos muitos menores abandonados com computador, com babá, com apartamento de luxo, com tudo, mas são menores abandonados. Porque o pai sequer sabe o que o filho precisa, que é de amor, carinho. O pai sai e o filho está dormindo, o pai chega e o filho está dormindo ou nem sabe onde o filho está. E não, nós temos muito cuidado com nossas crianças, nós procuramos ensinar, não que nossas crianças não podem fazer nada, podem, mas elas têm que saber o certo e o errado. Se elas fizerem errado, a gente tenta corrigir e ensinar. Não quer dizer que é do candomblé que não faça, fazem sim, mas a gente sempre deve estar buscando resgatar para que eles não se percam com as vaidades do mundo. E principalmente não ter discriminação com nada, nós acostumamos a nossas crianças a acostumar com homossexual, com bissexual, com gay, tudo quanto há, porque está no mundo. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)

Cultura são as práticas cotidianas de um povo. A cultura banto é a prática do mundo banto. É a visão do mundo banto e não de mundo banto. A visão do mundo banto é diferente do que a gente vê por aí. A visão do mundo banto é você tentar entender o banto como o mundo e aquele mundo tem uma existência. Essa visão da existência banto se dá por essa palavra banto.

Nós, os seres humanos e toda a natureza, somos partículas de Deus, que nós chamamos de *Nzambi* (Deus supremo da mitologia banto). O que é banto? São partículas divinas unidas que deram origem a toda a natureza. Pegar uma folha é banto, pegar um copo d'água é banto, forma de sorrir é banto. Esse costume todo, se for coerente com o banto, é banto. Banto não se regionaliza, é uma condição de existência. Cultura banto é um existir.

Eu sou Angola, como explica isso para um leigo: ser Angola é se identificar com o povo angolano. Sou banto de Angola. A família dentro de uma aldeia é inviolável. 100% respeitada. Isso é banto. O chefe de família é recebido como chefe e como tal ele é respeitado. Ele é recebido com todo respeito, isso é banto. Respeito ao próximo. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

É um resgate daquilo que nos constitui. O banto cultua os elementos da natureza, que estão no nosso corpo. Então a gente fala assim: o banto é um culto à natureza, a natureza que me constitui. Então, o que a gente tenta é buscar o imaculado, aquilo que é mais próximo da perfeição. Então, a cultura banto nos deixa, aqui dentro, vivenciar o respeito ao mais velho, o culto ao ancestral, porque quem não tem passado não pode ter presente, muito menos futuro. Então, o ancestral é aquele que veio antes, que pisou aqui, que trouxe uma cultura. O que é mais bonito do banto: o tempo inteiro estamos numa comunidade tentando reverenciar os inuice, mas buscando o nosso equilíbrio. Enquanto pessoas, seres humanos numa evolução que a gente está aqui para passar, e cada um escolhe uma tradição, um caminho a seguir. E a cultura banto é esse caminho que ela mostra. (Sérgio Wilian Viana Peixoto, 47 anos, Kota Lembakosi)

Vejo as pessoas falarem muito em cultura ou candomblé como um aspecto limitado a esse espaço físico e isso está para além desse espaço físico. Isso é uma vivência cotidiana. Acho que isso deveria caber para todas as religiões, não só para o candomblé e para a cultura banto em si. Não adianta, aqui, você ser uma pessoa super amorosa e lá fora ser o famoso e não dar um bom dia para o porteiro. Então, essa cultura tem que estar para além desse espaço: para eu fazer parte dessa cultura e estar cotidianamente me melhorando como pessoa, como ser humano, tanto fisicamente como espiritualmente, para que eu possa dar o melhor com o mundo lá fora; para que possa ter mais paciência, mais resiliência, para que eu possa lidar melhor com os problemas cotidianos que vão aparecer, para que eu possa lidar melhor com as pessoas, que às vezes não vão ter o mesmo equilíbrio emocional que vou ter. Então, essa ideia de melhorar internamente para que você possa ser melhor para o mundo lá fora. Aqui é o reforço desse exercício, mas ele acontece muito mais lá fora do que aqui dentro. Isso não pode ser limitado a essas quatro paredes aqui, tem que estar para além disso. Então, para mim, ser isso é vivenciar essa cultura desde a hora que acordo até hora que vou dormir. Tenho que vivenciar essa cultura, vivenciar o candomblé, vivenciar a religião na hora que acordo até na hora que vou dormir. Não pode ser diferente, então para mim é significativo porque me ajuda nesse processo de melhorar, de estar cada vez mais melhorando como pessoa. (Alexandre Souza da Silva, 34 anos, Tata Kasulembê)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

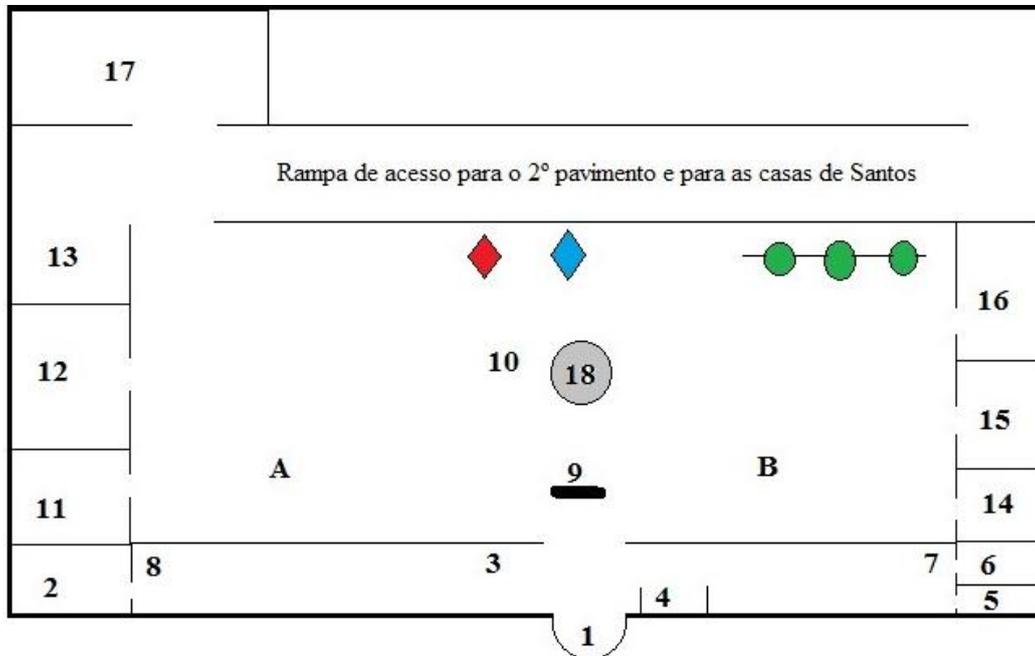
2.3. Descrição do ambiente da Casa de Cultura Lode Apra

A Casa está situada à rua H, nº 58, bairro Duquesa I, distrito de São Benedito, na cidade de Santa Luzia, Minas Gerais. A edificação possui aproximadamente 723 m² de espaço físico, construída em dois pavimentos. A Casa foi transferida para esse endereço no ano de 1994; anteriormente funcionava à rua XZ, 47, bairro Frimisa. O espaço que hoje abriga a Casa Lode Apra foi construído com o esforço dos mentores espirituais e dos filhos da Casa.

Abaixo apresentamos o esboço da Casa de Cultura Lode Apra com indicação dos nomes e dos significados que cada espaço possui. Destacamos que os nomes e alguns significados aqui apresentados foram indicados por Pai Geraldo André e outros foram extraídos de dissertações de mestrado sobre a temática. Cabe destacar que os lugares denominados Casas são cômodos que guardam os assentamentos (objetos sagrados) dos *minkisi*. Segundo Mãe Glória, cada iniciado tem o seu inquite e cada inquite tem seus objetos sagrados, que são guardados nessas Casas; portanto, esse é o local onde ficam as divindades. Esses objetos sagrados são usados nas festividades dos *minkisi*. A Casa do inquite é um lugar sagrado onde só os iniciados entram.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



- 1 Portão em meia lua
- 2 Casa de Nganga Mpambu Njila
- 3 Espaço de acesso da casa
- 4 Árvore do tempo - Kitembo
- 5 Casa de Numbi
- 6 Casa de Nkosi Mavambo
- 7 Símbolos dos santos de alguns antepassados
- 8 Escultura - Njila
- 9 coluna física
- 10 Sambilê
- A e B espaço ocupado pelo público
- 11 Sanitário para uso do público
- 12 Banheiro com chuveiro
- 13 Cozinha comum (profana)
- 14 Oráculo - Pai Geraldo
- 15 Aposento de Pai Geraldo e Mãe Glória
- 16 Oráculo - Mãe Glória
- 17 Quarto para os homens trocarem de roupa
- 18 Coluna (invisível) que liga Ntutu/Lamburu (chão) a Angomi Diulo (cumeeira)
- Losango azul - Cadeira de Pai Geraldo
- Losango vermelho - Cadeira de Mãe Glória
- Círculos verde - Pepele - Ngomas

Esboço do 1º pavimento da Casa de Cultura Lode Apara

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

1 – Portão em meia lua. Possui duas funções: a primeira como portão da Casa e a segunda como proteção da árvore do tempo dos olhares profanos. Quando abre para entrada da Casa ele fecha o acesso para a árvore do tempo.



Portão de entrada da Casa com indicação para a árvore do tempo (gameleira branca)

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2 – Casa de *Nganga Mpambu Njila*: energia da natureza responsável por gerir os caminhos e ser o guardião da porta de entrada. Dono do caminho; faz referência à rua e à encruzilhada. *Njila*, *Nzila*, *Mpambu Njila* são as nomenclaturas para a divindade dos caminhos da cultura banta. Senhor dos caminhos e das bifurcações, é detentor de grande poder ritual, pois os caminhos que se cruzam representam o centro do mundo, um local de grande magia para os bantos. Os sentidos da encruzilhada, nessa cultura, são as oportunidades, o movimento, a comunicação, a cruz, o poder de escolha e, principalmente, o palco de grandes preceitos de magia. Essa divindade está ligada à natureza humana e habita os corpos.

O culto a *Njila* é diferenciado dos demais *Minkisi*: ocorre de forma individualizada e é precedido obrigatoriamente por homens. A divindade é responsável por guardar e vigiar as entradas e passagens dos terreiros para que somente com sua autorização adentrem seres naturais ou sobrenaturais. Geralmente, sua casa fica em comunicação com a rua, pois é um guardião por excelência (Meirelles, 2017). Sua simbologia é o próprio caminho (bifurcado ou cruzado).



Casa de *Nganga Mpambu Njila*

Data: set.2021

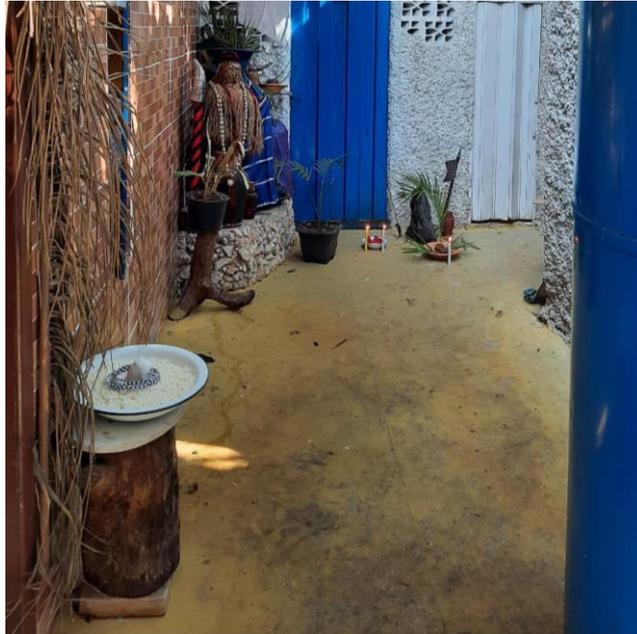
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

3 – Espaço de acesso à Casa e onde são realizados alguns rituais



Espaço de acesso à Casa

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

4 –Árvore do tempo - *Kitembo*: divindade que está relacionada aos ventos, à direção, ao besouro, à borboleta. *Kitembo*, em épocas tribais, era a divindade que dava direção às tribos em busca de bons ventos, tornando-se uma referência de direção. *Kitembo* é cultuado no mês de agosto, o mês dos ventos. Na África usa-se a árvore imbondeiro/baobá para representá-lo. No Brasil foi substituída pela gameleira-branca, que apresenta característica semelhante à árvore africana. Nesse espaço também estão presentes alguns símbolos e adereços que são comuns em todas as Casas de Angola.

Seu principal símbolo é uma bandeira branca, que não pode faltar nas casas de culto de matriz Kongo e Angola, presa a uma haste longa para ser vista à distância. Outras representações são a grelha de ferro, duas lancetas de ferro (elementos sincréticos) e a *kuiã*, cabaça. As cores de *Kitembu* são combinadas em verde e branco; verde água, azul claro e branco; branco, azul escuro e laranja (Meirelles, 2017).



Árvore do tempo - *Kitembo*

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

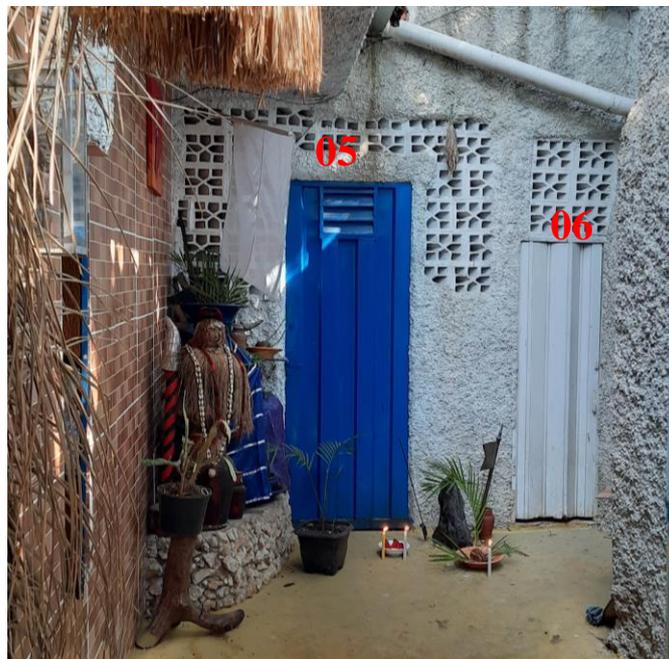


Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

5 – Casa de *Nvumbi*¹⁵: Casa dos antepassados do Terreiro.

6 – Casa de *Nkosi Mavambo*: entidade guardiã e defensora da Casa. Guardiã dos caminhos, das aldeias, com forte ligação com os ancestrais e antepassados. Está ligado ao fogo, ao barro, à terra.



Casa de *Nvumbi* e Casa de *Nkosi Mavambo*

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

¹⁵ Significa falecido.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

7 – Símbolos dos santos de alguns antepassados que faleceram.



Símbolos dos santos de alguns antepassados

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

8 – Escultura de aço. Uma das representações da Casa de *Njila*. *Njila* é o nome para a divindade dos caminhos da cultura banto. Senhor dos caminhos e das bifurcações, detentor de grande poder ritual, pois os caminhos que se cruzam representam o centro do mundo, um local de grande magia para os bantos. Os sentidos da encruzilhada, nessa cultura, são as oportunidades, o movimento, a comunicação, a cruz, o poder de escolha e, principalmente, o palco de grandes preceitos de magia. Essa divindade está ligada à natureza humana e habita os corpos.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Escultura de aço
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

9 – Coluna física que sustenta o vão livre da edificação



Coluna física de sustentação da edificação.
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

10 – *Sambilê*: espaço sagrado onde são entoados os cantos e as danças sagradas



Sambilê

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

A e B – Espaço ocupado pelo público profano nas sessões e festas



Espaços A e B

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

11 – Sanitário para uso do público



Sanitário
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

12 – Banheiro com chuveiro



Banheiro com chuveiro
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

13 – Cozinha (profana): usada para preparar alimentos para os profanos (humanos)



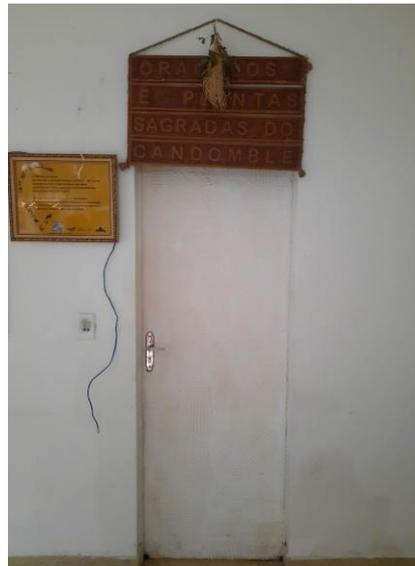
Cozinha
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

14 – Oráculo africano: neste local Pai Geraldo André recebe pessoas para aconselhamento, consulta, jogo de búzios, Ifá.



Oráculo africano de Pai Geraldo
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

15 – Aposento de Pai Geraldo André e de Mãe Glória



Aposento dos mentores da Casa

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

16 – Oráculo africano: neste local Mãe Glória recebe pessoas para aconselhamento, consulta, jogo de búzios, Ifá.



Oráculo africano de Mãe Glória

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

17 – Quarto para os homens trocarem de roupa



Quarto masculino indicado com a seta

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

18 – Coluna (invisível) que liga *Ntoto/Lamburu* (chão da Casa) a *Angomi Diulo* (cumeeira). Também denominada de coluna espiritual, onde se dá realmente a sustentação da casa.



Coluna invisível
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Losangos vermelho e azul: o vermelho representa a cadeira de Mãe Glória e o azul de Pai Geraldo André



Cadeira de Mãe Glória, à esquerda, e de Pai Geraldo André, à direita

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Círculos verde: *Pepele* – local onde ficam os *Ngomas*, instrumentos sagrados; lugar também no qual, por meio de seus toques, são evocados os *Minkisi*.



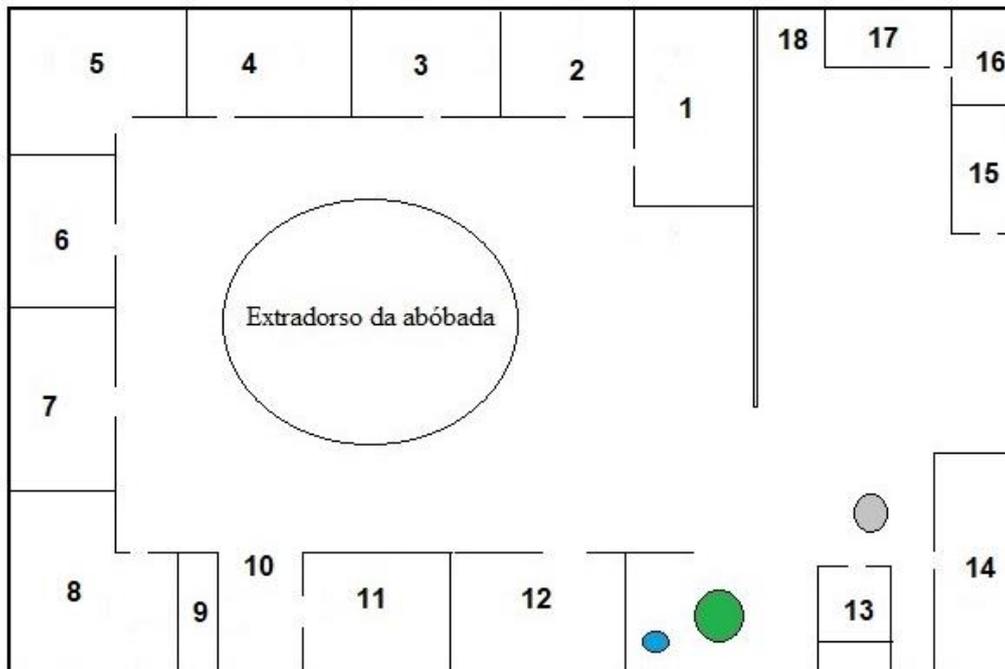
Pepele

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



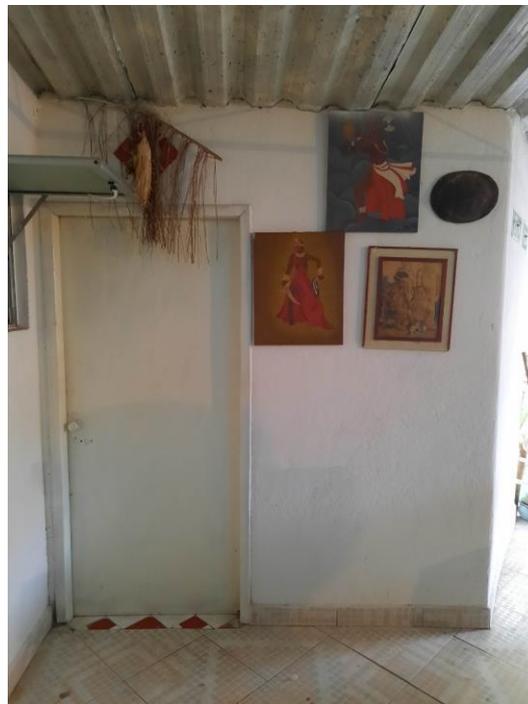
1. Casa de Nzazi
 2. Casa de kalunga
 3. Casa de Nkosi patrono da casa.
 4. Camarina (local de recolhimento durante o processo de iniciação)
 5. Casa de Matambá
 6. Casa de Kitembo/kitembu/kitembo
 7. Casa de Oxalá/Lamba
 8. Quarto
 9. Guarda roupa infantil
 10. Área de costura
 11. Guarda roupa feminino adulto e quarto
 12. Cozinha sagrada (local de preparado das comidas para os inquice)
 13. Casa dos boiadeiros (casa onde ficam os assentamentos dos Caboclos)
 14. Casa de Ndandalunda (Divindade das Águas Doces)
 15. Casa de Nkosi (Divindade da Luta e da Resistência)
 16. Casa de Mutakalambo (Divindade da Fatura, da Caça e da Pesca)
 17. Casa de Nsumbo (Divindades da terra e das enfermidades), Nzumbaranda (Divindade da terra molhada)
 18. Casa das almas - cruzeiro
- Circulo azul - Kassimba (poço do qual é retirada a água para os ritos sagrados).
Circulo verde – Ipê amarelo
Circulo cinza – Pedreira Nzazi

Esboço do 2º pavimento e da área aberta da Casa de Cultura Lode Apara

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

1. Casa de *Nzazi*: divindade masculina do raio ou o raio propriamente dito. Elemento do fogo que fulmina os transgressores da ordem do cosmo, estando também associado à água e às pedras em geral. Na África, vários povos acreditam que o raio é uma punição divina e um acerto com essa justiça, por isso *Nzazi* é associado a ela. Seu maior símbolo é *ritari ia nzazi*, a pedra queimada pelo raio. As cores próprias dessa divindade são o vermelho, o branco, o laranja e o marrom (Meirelles, 2017).



Casa de *Nzazi*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2. Casa de Kalunga ou Samba Kalunga: divindade das águas salgadas de grande importância na cultura banto, tanto na África quanto no Brasil. “Samba”, título nobre que quer dizer dama; “Kalunga”, o mar; em conjunto a expressão pode ser interpretada como rainha do mar. Nos candomblés bantos é comumente reverenciada por *Kaia* e não se restringe aos mares, dividindo com *Ndanda Lunda* o domínio sobre as águas doces. Suas cores são o azul, o verde água, o branco e o cristal. As conchas dos rios e mares, os peixes, a mãe d’água, o cavalo marinho, os recifes de corais e as estrelas marinhas são suas representações (Meirelles, 2017).



Casa de Kalunga
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

3. Casa de Nkosi – patrono da casa: *Nkosi* e *Hoji*, *kikongo* e *kimbundu*, respectivamente, têm o mesmo significado: leão devorador de almas. Essa divindade simboliza a força, a guerra, o senhor das estradas de terra, o vigor, a bravura e a impulsividade. Possui paralelismo com o orixá Ogum. *Nkosi* é ligado à agricultura, à guerra e à caça. Atribui-se a *Nkosi* o desenvolvimento de todos os artefatos de guerra (Meirelles, 2017). Sua simbologia é composta pela figura do leão, pela lança, principalmente a ponteira de metal, o *poko*, facão, e as estradas. Suas cores são o azul escuro, o vermelho e o branco.

Segundo Pai Geraldo André, “ele é o protagonista de toda a história da Casa, seu nome é Ogum Lode.”.



Casa de *Nkosi*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

4. Camarinha: local de recolhimento durante o processo de iniciação.



Camarinha
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

5. Casa de *Matamba/Uambulu Nsema/Kaiongo*: divindades guerreiras femininas associadas à chuva, aos ventos fortes, aos raios e trovoadas, à própria tempestade. É também conhecida como *Matamba*, tida como guerreira de perfil violento e temperamental. É representada pela lança, com a qual se projeta em atitude de combate, pelo raio e, no Brasil, por colares e franjas de lágrimas de Nossa Senhora (*coixlacryma-jobi*). As cores são variadas em combinações de: vermelho, amarelo, preto e verde; vermelho e branco; somente o vermelho; marrom (Meirelles, 2017).



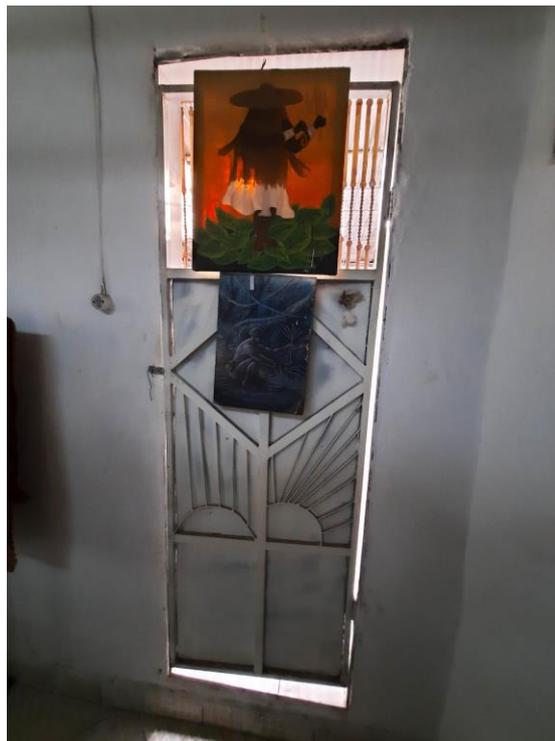
Casa de *Matamba*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

6. Casa de *Kitembo/kitembu*: divindade masculina patrona da nação Angola que tem como principal elemento o ar, principalmente quando está em plena atividade, o vento. *Kitembu*, mais conhecido por Tempo, rege as estações climáticas e é considerado o pai da cronologia. Outra atuação dessa divindade é na cura de perturbações mentais e algumas enfermidades que atingem o sistema cerebral. *Kitembu* é a divindade da pressa, da agilidade e da inquietação (Meirelles, 2017).

De acordo com Pai Geraldo, “apesar de vermos uma porta fechando a casa, por dentro não há telhado, uma vez que essa divindade vive no tempo.”.



Casa de *Kitembo*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

7. Casa de *Oxalá/Lemba*: divindade associada à paz, à procriação, à criação, responsável pelo *mutuê*, a cabeça, por isso é considerado o pai da inteligência. Representa a dualidade, masculina e/ou feminina, variando entre os diversos povos bantos onde recebe culto. Seus diversos nomes, como *Lembarenganga*, *Lemba ria Nganga*, *Nkasulemba*, se referem à posição privilegiada que ocupa dentre todas as divindades. Em seu culto diferenciado, procedimentos meticulosos e a observação dos detalhes fazem toda a diferença, principalmente nas suas oferendas, preparadas com total ausência de condimentos, sendo o sal e o dendê suas maiores *kizila*, proibições. Sua principal representação é o branco (Meirelles, 2017).



Casa de *Lemba*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

8. Quarto



Quarto
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

9. Guarda-roupa infantil



Guarda-roupa infantil
Data: set.2021. Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

10. Área de costura



Área de costura

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

11. Guarda-roupa feminino adulto



Guarda-roupa feminino adulto

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

12. Cozinha sagrada: local de preparo das comidas votivas para os *minkisi*. Segundo Kileuy e Oxaguiã (2009) é na cozinha que se sustentam os fundamentos, se escondem os segredos, mas é também de onde surgem as cores, os sabores e os perfumes que encantam as divindades e avalizam os mistérios que existem entre o *orum* (mundo espiritual) e o *aiê* (mundo físico).



Cozinha sagrada
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

13. Casa dos boiadeiros: casa onde ficam os assentamentos dos Caboclos.



Casa dos boiadeiros
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

14. Casa de *Ndandalunda*: divindade feminina associada à água. Costuma-se reconhecer nos candomblés bantos que *Ndanda Lunda* ou *Kisimbi*, como também é conhecida, habita as vertentes e as nascentes dos rios. Em algumas regiões da África atribui-se seu habitat aos banhados onde há juncos, estando associada à própria semente dessa planta. *Ndanda Lunda* está relacionada à lua, por isso responde sobre a fertilidade na terra. É a grande mãe. O inquite de lagos e rios. Tem paralelismo como o orixá Oxum (Barbosa Junior, 2011).

Na visão mais antiga, os rios eram considerados grandes serpentes que percorriam o firmamento irrigando a terra e assim, para muitos povos bantos, *Ndanda Lunda* é a divindade associada à grande cobra da fertilidade.

Como quase todas as divindades bantas, *Ndanda Lunda* tem a lança como sua representação, apesar de não ser de caráter unânime. O espelho d'água, os peixes, as cobras d'água, a própria lua e as conchas de rios são seus emblemas. Suas cores são o amarelo, o branco, o verde e o preto (Meirelles, 2017).



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



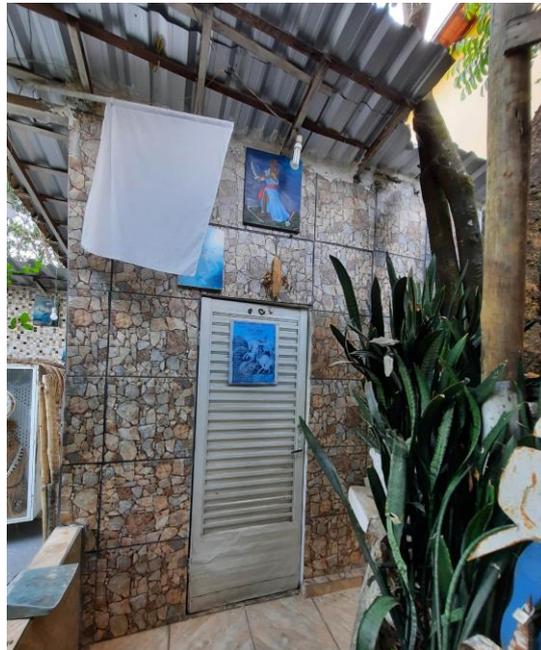
Casa de Ndandalunda
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

15. Casa de *Nkosi* – divindade da luta e da resistência.



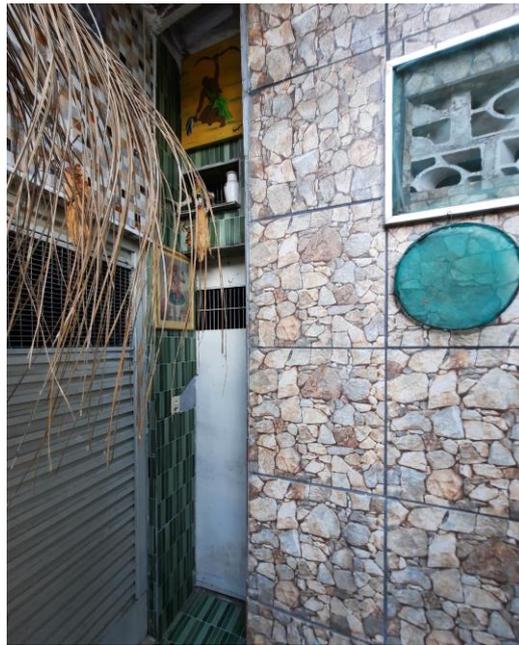
Casa de *Nkosi*
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

16. Casa de *Mutakalambo*: divindade ligada à terra e às profundezas das matas onde os raios de sol quase não penetram. Entre as suas representações estão uma lança, o arco e flecha, a espingarda, as armadilhas para a caça e o grande réptil quadrúpede (Meirelles, 2017).



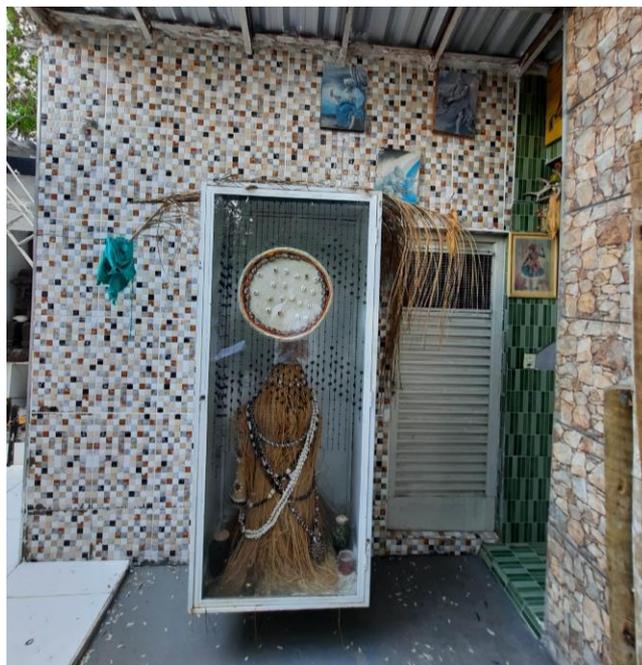
Casa de Mutakalambo
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

17. Casa de Nsumbo: divindade masculina ligada à terra e à magia. *Nsumbu* e *Ntoto*, literalmente, terra, são fundamentos de grande mistério que ligam essa divindade à morte. É considerado o grande andarilho e o pai da ráfia, sua vestimenta. Em seu culto, repleto de detalhes e critérios, os fiéis alimentam Nsumbu para que lhe sejam garantidas vida e saúde. Além de representar a prosperidade, enquanto elemento indispensável às atividades agrícolas, a terra está diretamente associada ao fim da vida corpórea e ao consumo da carne. Sua representação é pela lança, pela ráfia e por cores como preto, branco e amarelo.

Casa de *Nzumbaranda*, também chamada de *Zumbarandá*, *Ndandazumba* ou *Nganga Nzumba*; é uma divindade temida e cultuada com grande zelo. *Nzumba* habita o fundo dos mananciais, as regiões pantanosas, e é chamada de *mam'etu ixi kuzula*, minha mãe da terra molhada. *Nzumba* também está associada à cor arroxeadada da lua, durante o eclipse, tornando-se sua cor própria. Suas representações estão em todos os grãos, pois a terra molhada é considerada fértil. Suas cores são o roxo, o azul e o branco (Meirelles, 2017).



Casa de *Nsumbu* e *Nzumbaranda*

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza

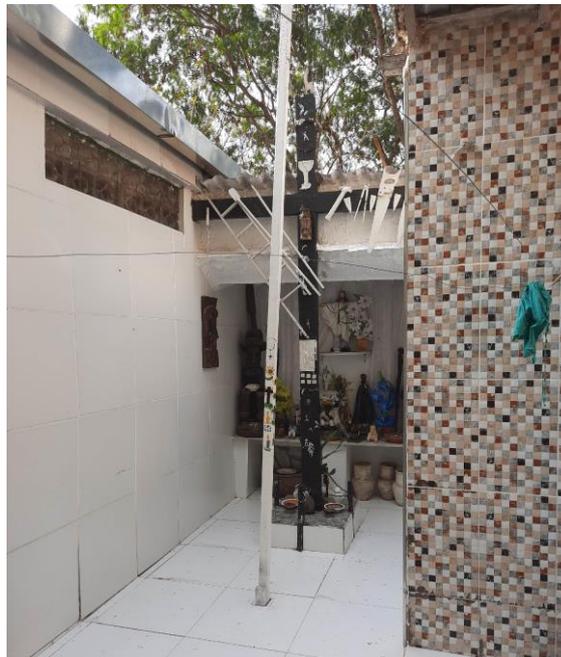


Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

18. Casa das almas – Cruzeiro: casa onde são louvados os Pretos Velhos e onde ocorre o levantamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, com a participação de guardas de congado.

“Aqui se cultua os Pretos Velhos que nos remetem aos africanos escravizados quando chegaram ao Brasil.” (Pai Geraldo André)



Casa das almas
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Círculo azul – *Kassimba*: poço do qual é retirada a água para os ritos sagrados.



Kassimba
Data: set.2021
Foto: Rildo César Souza

Círculo verde – *Ipê amarelo*



Ipê amarelo
Data: set.2021 - Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Círculo cinza – Pedreira *Nzazi*



Pedreira Nzazi

Data: set.2021

Foto: Rildo César Souza



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2.4. Por que Casa ou Terreiro de candomblé?

Segundo Barros (2007), os espaços do candomblé podem ter denominações que variam entre barracão, roça, terreiro, casa e comunidade. Os membros da Casa de Cultura Lode Apara usam o termo Casa ou Terreiro. Outros ainda usam também o termo roça. As justificativas para o uso desses termos são as seguintes:

Usa-se o termo terreiro, pois os antigos faziam a reunião no terreiro. Então ficou como terreiro ou roça. O termo certo é roça. (Oswaldo Stuart Luzitano, 66 anos, Tata Kissaba, sacerdote do Candomblé Angola encarregado das folhas sagradas)

Em Angola, o país é dividido em província, as províncias são divididas em município, cada município é dividido em comuna, e cada comuna é dividida em aldeias, cada aldeia é dividida em famílias. Em uma aldeia tem várias famílias. Essas famílias que são o terreiro ou casa. Essas aldeias são tudo de terra de chão, daí o nome terreiro. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2.5. As atividades da Casa de Cultura Lode Apara¹⁶

As atividades regulares da Casa são: prece a *Lemba*, revitalização energética, todas as sextas-feiras, às 18 horas; dia de *Nzazi (Dilangubangu)*, oferta à *Nzazi* rogando estabilidade e equilíbrio financeiro, todas as quartas às 21 horas; aconselhamento individual com Maria Padilha, guia espiritual de Mãe Glória, todas as quintas às 18 horas; sessões públicas todos os sábados a partir das 19 horas; atendimento individual agendado com Mãe Glória, de quarta-feira a sábado no período da tarde; a Casa ainda celebra casamentos, assim como ritos exclusivos para os filhos iniciados e confirmados.

A Casa realiza também, em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura, curso gratuito de Cultura Bantu. O curso é ministrado pelo *Tat'etu* Jalabo (Pai Geraldo André), na sede da Casa de Cultura Lode Apara. Com a pandemia COVID-19 o curso está temporariamente suspenso.

Além disso, a Casa segue um calendário litúrgico de fundamentos, ritos e celebrações dos *Minkisi* e ancestrais. Nas festividades, todos os ciclos dos elementos naturais (terra, fogo, água e ar) são louvados. No total a Casa possui 15 festividades/eventos que podem ser vistos e acompanhados pelo público. Abaixo apresentamos as festividades anuais da Casa.

¹⁶ Ressaltamos que essas atividades foram suspensas devido à pandemia do COVID-19 e estão voltando aos poucos, conforme as diretrizes do Programa Minas Consciente.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Atividade	Obara Meji (reforço espiritual para equilíbrio financeiro)
Mês	Janeiro
Data	Móvel
Elemento da Natureza	-
Quem pode participar	Público em geral (com agendamento prévio por telefone)
Trajes	Informações mediante agendamento
Breve descritivo: obrigação individual, com a necessidade de agendamento prévio, para potencialização e equilíbrio financeiro, destinado a pessoas físicas ou jurídicas. Esta obrigação é baseada na numerologia africana, na qual o número 6 é a sua representação, sendo dia 06/01 a primeira ocorrência desse número no ano, e 06/06 o único período do ano que acontece a duplicidade do número 6. Essas datas são os melhores períodos do ano para realização de tal obrigação.	

Atividade	Festa da Maria Padilha
Mês	Janeiro
Data	Móvel
Elemento da Natureza	-
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras
Breve descritivo: primeira festividade anual da Casa em agradecimento a Maria Padilha. Momento de reforçar a fé nas entidades que atendem às súplicas.	

Atividade	Kizoomba¹⁷ ria Mutakalambo e Caboclo
Elemento da Natureza	Terra
Mês	Janeiro
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (verde, branco, azul e amarelo)
Breve descritivo: festividade anual da casa que saúda a divindade responsável pela fartura nas mesas durante o ano, isto é, o <i>Mutakalambo</i> , o <i>Nikisi</i> (energia da natureza) da caça, considerado como o mais velho dos caçadores. <i>Minkisi</i> pertencente a um extenso grupo de caçadores do panteão banto, neste grupo ainda se tem <i>Kabila</i> , <i>Ngunzu</i> , <i>Mokongombila</i> (<i>Gongombira</i>), <i>Baranguanje</i> , e outros. Essa divindade pode ser representada por uma espiga de milho, símbolo da multiplicação dos grãos, uma vez que ao plantar uma semente de milho consegue-se um novo pé com algumas espigas, além de dezenas de novas sementes. A fartura trazida e rogada a <i>Mutakalambo</i> e aos demais caçadores, nessa festa, não se limita a uma fartura alimentar apenas, porque se pede, também, uma abundância de amor, alegria, saúde, paz, bons negócios, harmonia em família, respeito ao próximo. Ou seja, ao plantar uma pequena semente de cada um desses sentimentos dentro de nós, ela pode se multiplicar tal qual a semente do milho.	

¹⁷ Significa "festa" em *kimbundu*.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

A festividade também é um momento para louvar os caboclos, ancestrais que se fizeram presentes na chegada do negro em terras brasileiras e tanto ajudaram na manutenção da raça e, por consequência, na manutenção do culto. Para os negros de origem banto, os caboclos foram fundamentais neste processo de chegada e resistência em novas terras.

Atividade	Kizoomba ria Nkosi
Elemento da Natureza	Terra
Mês	Abril
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (branco e azul)
<p>Breve descritivo: festividade anual que saúda uma das divindades patronas da Casa, considerada como “o grande leão devorador de almas”, <i>Nkosi</i>, que é o <i>Nkisi</i> que representa: o desejo de vitória, a resistência, as lutas, a garra, a força e demais sentimentos afins nos seres humanos. A <i>Nkosi</i> suplica-se que esses sentimentos sejam companheiros durante o ano, e que ele possa guiar para as vitórias nas batalhas que a vida impõe. Sua representação é o minério de ferro, metal que contempla a resistência necessária para as mais variadas atividades, bem como a flexibilidade necessária para se tornar o elemento acelerador na execução.</p> <p>No panteão de <i>Nkosi</i> tem-se várias outras divindades, como por exemplo <i>Mukumbi</i>, <i>Hoji</i>, <i>Tabalancimbe</i>, <i>Tambalajo</i>, dentre outros, cada um responsável por uma atuação.</p> <p>Os <i>Minkisi</i> do panteão de <i>Nkosi</i> também são considerados como os patronos da agricultura, pois foram responsáveis por produzir ferramentas que otimizaram todo processo tanto de plantio quanto de colheita. <i>Nkosi</i> também é respeitado e temido por ter sido o dono da primeira faca.</p>	

Atividade	Kizoomba ria Ukulukulu (festa dos Pretos Velhos)
Elemento da Natureza	-
Mês	Maior
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (branco)
<p>Breve descritivo: festividade anual da casa na qual são louvados os antepassados africanos que foram brutalmente retirados de suas terras, muitos nas condições de reis, e foram trazidos para o Brasil na condição de escravizados, de modo a perder todos os direitos humanitários, uma vez que foram obrigados a servir outros seres humanos em troca da manutenção da vida. No entanto, ainda assim demonstraram resistência, como também conseguiram preservar os conhecimentos e ensinamentos oriundos da África.</p>	



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Atividade	Makuria¹⁸ ria Njila
Elemento da Natureza	Terra / Fogo
Mês	Junho
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores (vermelho, preto, azul escuro)
Breve descritivo: festividade anual da casa que convida <i>Nganga Pambu Njila</i> (Senhor das Encruzilhadas do Caminho) para entrar ao <i>Sambilê</i> (barracão – espaço sagrado onde ocorrem as danças e cânticos) para comer. <i>Nganga Pambu Njila</i> é o guardião da porta da Casa. Para ele é ofertado <i>makuria</i> (comidas) na porta de entrada da casa. Neste dia, é oferecido a ele um grande banquete em agradecimento por ter guardado tão bem durante todo ano. <i>Pambu Njila</i> representa o sentido literal da palavra “caminho da encruzilhada”.	

Atividade	Kizoomba ria Njila
Elemento da Natureza	Terra / Fogo
Mês	Junho
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores (vermelho, preto, azul escuro)
Breve descritivo: festividade anual da casa. Depois de oferecer um banquete à <i>Nganga Pambu Njila</i> (Senhor das Encruzilhadas do Caminho) é realizada uma festa entoando toques e cantos sagrados para que ele venha com sua dança para ensinar que todo caminho é sagrado, e que todo caminho pertence a ele. Por conhecer todos os caminhos, <i>Nganga Mpambu Njila</i> é o responsável pela comunicação entre os seres humanos e os outros <i>Minkisi</i> ; por isso, ele é saudado primeiro, para que o caminho até os <i>Minkisi</i> seja o mais tranquilo possível.	

Atividade	Gongá ria Luango
Elemento da Natureza	Fogo
Mês	Junho
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (vermelho e branco)
Breve descritivo: festividade anual da casa. Neste momento é montando o <i>Gongá</i> (altar), para onde são levadas todas as comidas para serem servidas a <i>Luango</i> . <i>Luango</i> é a luz que desceu dos céus e tocou a terra, foi o <i>Nkisi</i> (energia da natureza) responsável por trazer a primeira luz (fogo), quando tudo ainda era somente escuridão. Durante o movimento de translação da Terra, devido à sua inclinação nesse período do ano, os raios solares incidem com menos intensidade, tornando, assim, as noites mais longas que os dias, o que faz que tenhamos menos calor incidindo sobre a Terra.	

¹⁸ *Makuriá* ou *Nkudiá* – comidas sagradas dos *minkisi*; palavras usadas nas casas de candomblé Angola/Congo no Brasil.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Atividade	Kukuana¹⁹ ria Nsumbo/Nsumbu
Elemento da Natureza	Fogo / Terra
Mês	Agosto
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (branco, cinza)
<p>Breve descritivo: festividade anual da casa, onde acontece a divisão das comidas de <i>Nsumbo</i>.</p> <p><i>Nsumbo</i> faz parte do panteão de divindades banto que regem as plantas com as raízes comestíveis, folhas e cereais, e que têm a regência sobre todas as doenças epidêmicas e endêmicas, possuindo a capacidade de afastar os males e mazelas do corpo de forma a atuar, efetivamente, como verdadeiros “curandeiros”.</p> <p><i>Nsumbo</i> tem como sua principal comida votiva a pipoca; por intermédio dela se aprende a maior lição de transformação que <i>Nsumbo</i> pode dar: o milho de pipoca é duro, difícil de ser mastigado e impróprio para comer; ao passar pelo processo de aquecimento ele é levado ao seu extremo, e quando ele acredita que não vai mais conseguir suportar, tem duas escolhas: fechar-se mais e não estourar e se tornar um peruá (um milho que se recusou a estourar) ou se tornar uma pipoca. O peruá nenhuma serventia possui, seu destino é o lixo, mas a pipoca se torna uma “flor” macia e bela que servirá de alimento para todas as pessoas.</p> <p>Nessa festa também são louvados os <i>Minkisi</i>: <i>Nzumbaranda</i>, <i>Hongolo</i>, <i>Nkatende</i>, <i>Kitempo</i> e <i>Angurosemavula</i> (<i>Uambulu Sema Nvula</i>).</p> <ul style="list-style-type: none">- <i>Nzumbaranda</i>: a Senhora das terras molhadas. <i>Nkisi</i> diretamente ligada ao processo de criação e modelagem do ser humano.- <i>Hongolo</i>: o arco íris. <i>Nkisi</i> responsável por trazer as cores ao mundo e o principal regente do ciclo da água, fazendo o fluido subir aos céus, e descer em forma de chuva.- <i>Nkatende</i>: Senhor das <i>Jinsaba</i> (plural de <i>Nsaba</i> – folha). <i>Nkisi</i> responsável pela farmacologia das folhas e por colocar o encantamento sobre as folhas para que possam trazer a cura.- <i>Kitempo</i>: Senhor do ar (vento). <i>Nkisi</i> patrono da nação do candomblé de Angola, independente da casa: para todas as casas ele é o Rei. Responsável pelas mudanças climáticas e cronológicas. É o <i>Nkisi</i> da vida, do crescimento e da evolução.- <i>Angurosemavula</i>: Senhora dos Ventos e Tempestades. <i>Nkisi</i> responsável por reger os ventos que acontecem durante as tempestades.	

¹⁹ *Kukuana* simboliza a fartura no candomblé Angola.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Atividade	Kukuana ria Nzazi ia Nvunji
Elemento da Natureza	Fogo / Ar
Mês	Setembro
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (colorido)
Breve descritivo: festividade anual da casa que louva os <i>Minkisi Nzazi</i> (o raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria). <i>Nzazi</i> é o raio, mas está ligado também aos trovões e relâmpagos; é um <i>Nkisi</i> que representa o sentido de justiça, assim como para a formação dos raios é necessário ter o encontro de um conjunto de cargas negativas com um conjunto de positivas, o mesmo acontece com <i>Nzazi</i> , no sentido de justiça, dado que, às vezes, ele desce para a terra a fim de cumprir “sentenças” boas e, às vezes, desce para cumprir “sentenças” ruins. <i>Nvunji</i> é um <i>Nkisi</i> ligado à alegria/ingenuidade; é responsável por executar ações sem a preocupação com o pré-julgamento, trazendo o verdadeiro senso de justiça, sem a preocupação de quem irá se beneficiar da sua ação, desde que ela seja certa. <i>Nvunji</i> também tem ligação com os estados de gravidez, principalmente aquela gravidez cuja menstruação não cessa.	

Atividade	Kukuana ria Ndandalunda
Elemento da Natureza	Água
Mês	Outubro
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (amarelo, branco, dourado)
Breve descritivo: festividade anual da casa que saúda uma das divindades patronas da casa, que é a senhora das águas doces, também conhecida como uma <i>Kianda</i> (sereia) das águas doces. <i>Nkisi</i> muito influente nas gestações tanto dos seres humanos quanto dos animais, traz também o sentimento de amor incondicional (amor materno).	

Atividade	Kizomba ria Mama (mãe)
Elemento da Natureza	Água / Terra / Fogo / Ar
Mês	Dezembro
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Cores claras (azul, amarelo, verde, roxo)
Breve descritivo: festividade anual da casa em agradecimento a todas as mães do candomblé Angola. Diferentemente de outros segmentos religiosos, o candomblé prega uma crença baseada no culto matriarcal, no qual as mães são responsáveis pela propagação/reprodução do culto. Na cultura banto, é comum dizer-se que os filhos devem mais obediência aos tios por parte de mãe do que ao próprio pai.	



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Nessa festividade todas as mães são convidadas para entoar seus cantos e toques sagrados, para que elas possam, mediante as suas danças típicas, contar suas histórias. Nessa festividade são louvados os *Minkisi*: *Angurusemavula*, *Ndandalunda*, *Kaiaia* e *Nzumbaranda*.

- *Angurusemavula (Uambula Sema Nvula)*: Senhora dos ventos e tempestades. *Nkisi* responsável por reger os ventos que acontecem durante as tempestades.
- *Ndandalunda*: *Nkisi* conhecida como a senhora dos Lundas, ligada à fertilidade e às gestações. Também conhecida como a *Kianda* (sereia) das águas doces.
- *Kaiaia*: *Nkisi* regente das águas salgadas (mares e oceanos).
- *Nzumbaranda*: a Senhora das terras molhadas. *Nkisi* diretamente ligada ao processo de criação e à modelagem do ser humano.

Atividade	Kituminuua Lemba
Elemento da Natureza	Água
Mês	Dezembro
Data	Móvel
Quem pode participar	Público em geral
Trajes	Somente branco
<p>Breve descritivo: festividade anual da casa na qual é realizado o <i>kituminu</i> (preceitos) do <i>Nkisi Lemba</i>. É considerado o <i>Nkisi</i> da procriação, com ligação direta ao nascimento do sol, especificamente os primeiros raios que tocam a Terra e aquecem todas as vidas existentes no planeta.</p> <p>Tal festividade é precedida de um rito interno no qual é realizado um processo de limpeza e purificação de todos os filhos e adeptos que se interessam, mas também confirmam a presença com antecedência. Tal festividade ocorre com o intuito de livrar das impurezas acumuladas durante o ano que se passou, bem como para pedir perdão pelas falhas cometidas.</p> <p>Última cerimônia que reverencia o <i>Nkisi</i> que deu o sopro da vida, conhecido como <i>Nlemba</i> e na sua festa há um ritual sagrado de lavagem dos <i>jinkisi</i> alusivos ao tema conhecido como “as águas de <i>Nlemba</i>”. Sempre após essa cerimônia as chuvas se fazem mais presentes na terra.</p>	



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

2.6. Identificação dos atores sociais: pai, mãe, filhos, ndumbe e visitantes/simpatizantes

Os mentores espirituais da Casa Lode Apra são *Tat'etu* Jalabo, mais conhecido como Pai Geraldo André, e *Man'etu Aparasilê*, mais conhecida como Mãe Glória. Mãe Glória e Pai Geraldo assim resumem suas funções na Casa:

Eu, a Mãe, Ialorixá, sou aquela responsável pelos ritos de feitura, de iniciação das pessoas, pelo jogo de búzios (Pai Geraldo também joga búzios), de atender os clientes e fazer a Casa andar. Organizar os filhos de santo, os toques, as obrigações, manter as obrigações em ordem, essa é a minha função. (...) Então, manter a estrutura funcional é muito difícil, porque você tem que cuidar da casa de Exu, a casa de Ogum, do salão em si. Tem a cozinha aqui a qual todos podem frequentar, mas também tem uma cozinha, que é ancestral, que somente a gente que pertence pode ter acesso. Então tem que ter esse cuidado e manobrar esses espaços é difícil. (...) no candomblé tudo tem que ser autorizado, ninguém faz nada aleatoriamente. Todo mundo tem que ter autonomia e tem que ser autorizado e designado pelo orixá [inquice] para poder fazer. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)

Eu sou o Pai da casa, o Pai de todos. Eu sou o mentor espiritual da Casa. Eu não sou Pai de santo, pois o santo é superior a mim. Eu sou o servo do santo. Eu sou comparsa do santo, eu sou o companheiro do santo. Obrigações no terreiro: sou responsável por preservar a tradição em toda sua amplitude. Essas tradições podem ser verbalizadas ou não. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Pai Geraldo André e Mãe Glória.

Ano de 2018

Fonte: acervo da Casa de Cultura Lode Apara

Segundo informações do site da Casa Lode Apara, a comunidade Lode Apara é composta por oitenta e quatro pessoas, sendo quarenta e oito iniciadas, quatro acolhidas de outras casas e trinta e duas pessoas confirmadas. A Casa possui também três casas filhas, sendo elas: a Casa *Ilé asè Osun e Oxossi*, da zeladora Mam'etu Yamilandê; a Casa *Wàána Kavungo*, do zelador Tat'etu Obaziri; e a Casa *Nnzo Maza Lunde*, da zeladora Mam'etu Kitulê.

Os iniciados, os acolhidos e os confirmados são considerados filhos da Casa. As pessoas que passam pelo processo de iniciação, isto é, os iniciados, são aqueles que entram em transe, ou seja, incorporam as entidades. Os confirmados são os filhos que não incorporam.

Na categoria de iniciados têm-se os *muzenzas* e os *kotas*. Sérgio Wiliam Viana Peixoto, *kota* da Casa, assim explica a hierarquia entre o *muzenza* e o *kota*:



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Eu não tenho um cargo ou uma função, sou da parte do grupo que a gente chama de *kota*. *Kota* dentro da angola é o mais velho. É aquele que já cumpriu com as obrigações de sete anos, foi iniciado e cumpriu sete obrigações, mas eu tenho obrigação de vinte e um anos. Você tem sete, catorze e vinte e um anos de obrigação. Entro na categoria dos mais velhos da casa, então eu sou um *kota* mais velho.

Nós temos o *muzenza*, que já [foi] iniciado, mas não completou os sete anos de obrigação. O *muzenza* pode ser um mais jovem, que acabou de ser iniciado, com ano de santo. Tem aquele que já fez a obrigação de 3 anos, que já pode entrar em alguns ambientes, já pode executar algumas funções. Tem aquele com obrigação de cinco anos e aquele de sete anos que será o *kota*. Então, o *muzenza* é todo esse período, desde sua iniciação, que é apresentado para a comunidade e seu *nkisi* dá um nome, numa cerimônia pública, até ele completar os sete anos, quando deixará de ser um *muzenza* a passará a ser *kota*. (Sérgio Wilian Viana Peixoto, 47 anos, *kota* Lembakosi)

Os confirmados, segundo Alexandre Souza da Silva, *Tata* Kasulembê, não passam por processo de iniciação como os *muzenzas* e os *kotas*.

Os confirmados já nascem mais velhos e como você nasce mais velho, nasce com um cargo. O santo te escolhe para ser uma pessoa que vai zelar por ele. Então, você já nasce numa condição diferenciada. Então, é uma concepção um pouco diferente. *Tata* é o masculino e *makota* é o feminino. O *tata* não incorpora. Todo *tata* e toda *makota* são escolhidos pelo santo. Os *tatas* e as *makotas* exercem cargos diversos, como de cantar, de tocar, de zelar pela pessoa que entrou em transe. Então essas são as funções, vamos dizer assim, litúrgicas e para além da liturgia é capinar, limpar, varrer, construir, zelar pela segurança do espaço físico. Tudo isso faz parte do nosso dia a dia: saber propagar a religião de uma forma correta, da porta para fora e da porta para dentro. Tudo isso são responsabilidades que tanto um *tata* quanto uma *makota* tem, cozinhar, fazer a sacralização dos animais, tocar, cantar são cargos exclusivos de quem nasce *tata* ou *makota*. (Alexandre Souza da Silva, 34 anos, *Tata* Kasulembê).



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Os *ndumbe* são pessoas não iniciadas ou não confirmadas, mas que desejam ser iniciadas, e, portanto, estão em processo de preparação para isso. Os visitantes ou simpatizantes são aqueles que frequentam a Casa nos dias de sessões públicas, festividades ou nas consultas com Mãe Glória. De acordo com Pai Geraldo André, os visitantes (profanos) é um público variado em termos numéricos e de origem de morada, geralmente advindos da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

2.7. A Casa de Cultura Lode Apara como ponto de apoio social

Para os entrevistados, a Casa de Cultura Lode Apara não é apenas um lugar de culto aos *minkisi* ou morada sagrada das divindades. Trata-se também de um lugar onde as pessoas são amparadas e acolhidas. Muitas pessoas procuram a Casa num momento de aflição financeira, física, emocional, entre outras. As narrativas abaixo apresentam o sentido da Casa como apoio social para quem a procura:

A grande maioria das pessoas que aqui chega, chega porque está com uma dor. Porque as pessoas enxergam a Casa de candomblé com um viés muito limitado. Tem gente que entrou aqui porque não foi acolhido pela família, não teve carinho do pai e da mãe, nunca sentiu pertencente a nenhum lugar. Tem gente que entrou aqui à beira de cometer suicídio, que não queria mais nada com a vida e aqui se encontrou. Teve gente que entrou aqui porque veio pedir ajuda para conseguir arrumar um emprego, numa situação difícil e como foi feito associado à fé da pessoa conseguiu e daqui não saiu mais.

Então, as pessoas enxergam o candomblé muito dentro de um viés das quatro paredes. Elas não enxergam o Candomblé como um ponto de apoio social, psicológico, familiar, financeiro. As pessoas não enxergam isso. O candomblé está muito além de uma religião, está muito além de um viés religioso.

Outro dia conversava com as meninas mais novas daqui e comecei a contar alguns casos que vi e vivi aqui: de pai de família entrar aqui sábado, porque sábado são nossas sessões públicas, as festividades também são, mas no sábado que temos atendimento ao público. Ele entrou aqui desesperado financeiramente; seis meses que não trabalhava, com filho pequeno e passando necessidade e para além do apoio social, material, a pessoa teve um apoio psicológico, espiritual. Esse caso que estou contando aconteceu no sábado. No domingo a pessoa ligou e falou que conseguiu um emprego. Têm magias que a gente viu, vivenciou e viveu aqui que estão para além dessas quatro paredes, para além de um viés religioso, candomblé como instituição



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

religiosa. Não falo só daqui, mas de todo lugar sério. Está para além de um espaço religioso de somente conexão religiosa, de somente um ligar-se a deus. O ligar-se a deus é o trivial. O que as pessoas encontram aqui são várias outras coisas.

A avó de uma menina que está aí, ela entrou para fazer iniciação com o laudo médico dizendo que ela tinha sete dias de vida. Minha mãe, na loucura dela, colocou para dentro, fez o santo e ela viveu até os 84 anos. Ela tinha menos de 60 anos na época. É difícil mensurar o quanto isso causa de benefício. Pensa lá na casa dela, porque quando a família a colocou aqui na porta, a colocou na porta sabendo que o médico tinha dado laudo que só tinha sete dias de vida. O que é um sopro de esperança de alguém que tem cinquenta e poucos anos e vai até os oitenta e quatro anos? Quantos benefícios isso não gerou lá naquela casa, naquela família. Como a gente mede isso? Então, isso está para além desse espaço físico. (Alexandre Souza da Silva, 34 anos, Tata Kasulembê).

Muitos filhos têm a mesma história que eu tive. Muitos filhos vieram doentes e aqui se curaram, como por exemplo, uma filha, que faleceu em 2018, mas quando a recolhi para fazer o santo dela o médico já tinha desenganado ela. A gente tem que acreditar. Têm outras pessoas que vieram desenganadas e curaram. O meu filho mesmo, o meu caçula, teve uma convulsão e apareceu com um tumor na cabeça, e foi um choque pra gente, e graças a deus tirou e depois teve que abrir para colocar platina, mas está aí bem. Ele é inteligentíssimo. Então quase todo mundo que frequenta a nossa casa, a maioria entrou porque teve algum problema de saúde ou um problema na família, ou gratidão que conseguiu uma graça. É quase igual na igreja católica, às vezes a pessoa vai lá e recebe a graça e volta para poder agradecer e se torna fiel. Então acho que a religião do candomblé ela agrega muito, porque ela acolhe muito as pessoas, a gente tem aquela paciência de ouvir, às vezes a gente não consegue entender todo mundo, porque cada pessoa faz o entendimento da sua forma, mas agregar a gente agrega a todos. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

3. MOTIVAÇÃO DO REGISTRO

A Casa de Cultura Lode Apara é considerada um lugar referência por ser um espaço vivo que articula concepções relativas ao acolhimento, integra narrativas sobre a trajetória dos povos de terreiro, do povo de *nguzu* (axé) ou das comunidades tradicionais de matriz africana. A Casa é diariamente vivenciada como lugar de atividades diversas e de aprendizado. É o lugar de morada arquitetônica e sagrada das divindades, um conjunto onde agem as energias naturais, que faz a ligação física destas com os seres humanos.

Seu valor patrimonial reside na sua capacidade de comunicar temporalidades, espacialidades, ancestralidades, identidades e elementos da cultura afro-brasileira cravada na história luziense e brasileira.

Além disso, a Casa de Cultura Lode Apara é um lugar de resistência e de preservação de memória. A assistência e o apoio comunitário, a resistência e a preservação de tradições culturais estão na origem dos terreiros de candomblé e eles continuam sendo cultivados até hoje, como faz a Casa de Cultura Lode Apara.

Ademais, a Casa de Cultura Lode Apara é concebida também como um lugar de acolhimento, símbolo de resistência, comunidade tradicional, lugar sagrado, lugar que propaga a cultura banto, conforme apontado, abaixo, pelos detentores:

Pra mim é um local de acolhimento, me sinto acolhido... eu venho aqui e saio outra pessoa. Então, essa troca de energia, quando a gente fala assim: toma um banho de descarrego. Essa troca pra mim é muito forte, meu santo está aqui, então vou lá. Tenho que cultuar, eu sei onde vou buscar o que preciso. É como se fosse assim: volta lá para o útero da mãe, busca aquela energia mais limpa que você quer e aí você ganha mais uma semana de fôlego, de poder. Então, cultuar ancestralidade é importante para a gente crescer. Esse encontro com a nossa ancestralidade, o imaculado, aquilo que quero buscar como ideal, que a gente está longe se ser, mas isso a gente busca aqui. Além disso, aqui é um símbolo de resistência que devemos preservar e acho que é uma oportunidade de as pessoas conhecerem a cultura africana e não ficar falando que é demônio. É um espaço sagrado acima de tudo, mas que também pode ser usado como símbolo de resistência, de mostrar a cultura banto, a cultura negra de maneira geral para a população. Entendo o Terreiro dessa forma. (Sérgio Wilian Viana Peixoto, 47 anos, kota Lembakosi)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

O terreiro é uma válvula de escape do município. Aqui é um local onde atende o que o município não conseguiu atender, em todos os sentidos: jurídico, financeiro, espiritual, psicológico. É um lugar onde o Estado não está e a gente sempre esteve. Acolhemos uma pessoa que a família não aceitou por causa de uma diversidade de gênero e aqui foi acolhido. O Estado nem tem local para isso. Todas as válvulas de escape do Estado nós atendemos aqui, mas nem todos os problemas que aparecem aqui o Estado consegue atender lá fora. (Alexandre Souza da Silva, 34 anos, tata Kasulembê)

A Casa tem muita importância devido à cultura banto. A cultura banto é moldadora. Ela faz a pessoa perceber que não é tudo aquilo. As pessoas aderem a essa prática. Pé no chão é necessário para fazer a ligação entre a energia positiva e a negativa. A Casa é minha vida. Ela é tudo para mim. (Pai Geraldo André, 76 anos, mentor espiritual da Casa)

Ele é importante socialmente porque muitas vezes a pessoa se encontra aqui, religiosamente e também como comunidade e família. Tem muita gente que a família do candomblé é muito mais pra ele que a própria família [de sangue]. Então acho que a religião do candomblé ela agrega muito.

No município o candomblé nosso aqui já foi malvisto, hoje não. Hoje se a gente passa eles cumprimentam, alguns vêm na festa de *Erê*; vêm para tomar uma consulta, vêm para tomar um banho. Então hoje esse candomblé faz parte da comunidade. É lógico que se você chegar ali naquele pessoal da igreja [igreja evangélica situada no outro lado da rua], eles vão falar mal, que nós somos isso e aquilo, mas se chagar para a vizinha do lado, ela vai falar: eu vou lá, ofereço eles para comprar galinha na minha mão.

Nós tocamos mais de 12 anos na Frimisa, até fazer isso aqui ganhar energia demorou, é igual plantar árvore e ver ela crescendo, ganhado tronco e força, para ser reconhecida. E aí que foi reconhecido o lugar como sagrado. Então é muito importante pra gente, porque é uma luta constante minha e do Pai Geraldo André.

A gente se vê como comunidade tradicional, uma vez que se você faz parte de um lugar um ano, você está ali um ano, mas como você faz parte de um lugar há 40 e tantos anos você é tradicional, porque se você não fosse tradicional já teria acabado, você é daquele lugar, você pertence àquele lugar. Casa da Mãe Otilia lá na Frimisa, casa da Mãe Glória é ali na Duquesa. A Casa de Cultura Lode Apara é em Santa Luzia, da Mãe Glória e do Pai Geraldo André; então é tradicional, tem uma referência, a pessoa vê como uma cultura tradicional. (Mãe Glória, 74 anos, mentora espiritual da Casa)



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

4. Anuência

Os detentores do bem cultural participaram da produção do Dossiê de Registro através de entrevistas semiestruturadas, foram guias na apresentação do lugar, isto é, da Casa de Cultura Lode Apara, apontando os sentidos simbólicos que cada cômodo da Casa possui, propuseram as ações de salvaguarda e fizeram o processo de leitura final do Dossiê, com o fim de apontar possíveis enganos ou omissões do estudo aqui apresentado.

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

5. Documentação fotográfica

	<p>Foto 01 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festividade em louvor aos <i>Minkisi Nzazi</i> (o Raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria). Momento da entrada do <i>Nzazi</i>. Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>
	<p>Foto 02 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festividade em louvor aos <i>Minkisi Nzazi</i> (o Raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria). Momento dos cânticos e danças em referência a entidade. Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

	<p>Foto 03 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festividade em louvor aos <i>Minkisi Nzazi</i> (o Raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria). Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>
	<p>Foto 04 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Momento de abençoar a comida votiva para ser entregue ao <i>Nkisi Nzazi</i> em forma de agradecimento pelas graças que traz para a humanidade. Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>
	<p>Foto 05 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festividade em louvor aos <i>Minkisi Nzazi</i> (o Raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria). Momento da partilha da comida votiva entre os presentes. Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

	<p>Foto 06 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festividade em louvor aos <i>Minkisi Nzazi</i> (o Raio) e <i>Nvunji</i> (ingenuidade/alegria).</p> <p>Data: set. 2021 Foto: Rildo César Souza</p>
	<p>Foto 07 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>União realizada entre o casal Daniela e Victor com a bênção de Pai Geraldo e Mãe Glória. Data: out. 2014 Acervo: Casa de Cultura Lode Apara</p>
	<p>Foto 08 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Celebração do casamento de Stela e Celeste. Data: dez. 2016 Acervo: Casa de Cultura Lode Apara</p>

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

	<p>Foto 09 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>A entidade Boiadeiro sendo louvada. Data: jan. 2017 Acervo: Casa de Cultura Lode Apara</p>
	<p>Foto 10 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festa da matriarca da Casa, Mãe Glória</p> <p>Data: out. 2015 Acervo: Casa de Cultura Lode Apara</p>
	<p>Foto 11 Casa de Cultura Lode Apara Santa Luzia/MG</p> <p>Festa de <i>Ndandalunda</i>, celebração da matriarca da Casa, Mãe Glória</p> <p>Data: out. 2015 Acervo: Casa de Cultura Lode Apara</p>

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Foto 12
Casa de Cultura Lode
Apara
Santa Luzia/MG

Festa de *Nkosi*,
celebração do patriarca
da Casa, Pai Geraldo
André
Data: abril. 2015
Acervo: Casa de Cultura
Lode Apara



Foto 13
Casa de Cultura Lode
Apara
Santa Luzia/MG

Curso de cultura banto
ministrado no espaço da
Casa.
Data: 2018
Acervo: Casa de Cultura
Lode Apara



Foto 14
Casa de Cultura Lode
Apara
Santa Luzia/MG

Curso de cultura banto
ministrado no espaço da
Casa.
Data: 2018
Acervo: Casa de Cultura
Lode Apara

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal



Foto 15
Casa de Cultura Lode
Apra
Santa Luzia/MG

*Rainha Diambi
Kabatusuila Mukalenga
Mukaji de Nkashama*, da
Ordem do Leopardo, da
República Democrática
do Congo, em uma
sessão especial da Casa.
Data: mar. 2019
Acervo: Casa de Cultura
Lode Apra



Foto 16
Casa de Cultura Lode
Apra
Santa Luzia/MG

*Rainha Diambi
Kabatusuila Mukalenga
Mukaji de Nkashama*, da
Ordem do Leopardo, da
República Democrática
do Congo,
cumprimentado Pai
Geraldo André.
Data: mar. 2019
Acervo: Casa de Cultura
Lode Apra



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

6. PLANO DE SALVAGUARDA

6.1. Diagnóstico da situação do bem cultural imaterial na ocasião do início da instrução do processo de Registro

A Casa de Cultura Lode Apara é um lugar que preserva as tradições dos cultos aos *minkisi*, sendo considerada pelos seus membros e frequentadores como um espaço sagrado e de acolhimento que assegura as práticas da cultura banto. Entretanto, a Casa, assim como outros templos de cultos de matriz africana, lida com a carga do preconceito, do racismo, da intolerância religiosa e da falta de reconhecimento, entre outros tipos de injúria e desrespeito.

Os detentores postularam com veemência a necessidade da Casa de Cultura Lode Apara ser reconhecida como casa de preservação de cultura banto no município de Santa Luzia. Os detentores consideram que as práticas culturais e religiosas desenvolvidas na Casa não são consideradas e/ou valorizadas como os outros ritos religiosos e culturais do município. Acreditam que por meio de políticas públicas consistentes o preconceito, a intolerância religiosa e o desrespeito podem ser combatidos, gerando, portanto, o respeito à diversidade.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

6.2. Diretrizes para a valorização e a continuidade do bem junto à comunidade e descrição detalhada das ações a serem desenvolvidas

As diretrizes para a valorização e a continuidade da Casa de Cultura Lode Apara foram indicadas pelos detentores do bem cultural. As medidas apontadas por eles foram:

- a) Promover, no âmbito municipal, conferência entre as Casas/Terreiros do município com o fim de discutir e planejar projetos em parceria com o poder público para valorização das práticas socioculturais dos Terreiros, combate à intolerância religiosa, entre outras ações que visam o respeito à diversidade cultural e religiosa.

Tal medida visa promover de forma democrática políticas públicas de valorização e reconhecimento das comunidades tradicionais de terreiro, objetivando a promoção do respeito à diversidade cultural e religiosa no município.

- b) Criar lei para desburocratizar a isenção do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) para os Terreiros/Casas.

Tal ação aspira garantir o direito assegurado na Constituição Federal, que estabelece que é proibido à União, aos Estados ou Municípios cobrar impostos sobre templos religiosos de qualquer culto. No entanto, essa é uma prática não muito respeitada por alguns governantes municipais, que insistem em cobrar o IPTU, principalmente de templos religiosos de matriz africana.

A isenção do IPTU visa desonerar a Casa de Cultura Lode Apara para que esse dinheiro possa ser empregado em outros gastos, como pagamento de contas da Cemig ou Copasa.

- c) Promover políticas públicas de valorização e de reconhecimento dos saberes tradicionais dos mestres de terreiro para implementação de ações que



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

garantam a execução das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. É necessário que os mestres sejam contratados como mestres dos saberes tradicionais, e para isso é fundamental que a Prefeitura crie programa de reconhecimento desses mestres.

Tal ação pretende implementar de forma efetiva os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros nas escolas municipais, agregando os conhecimentos dos mestres dos saberes tradicionais nas matérias/disciplinas da grade curricular. Além disso, busca-se promover o reconhecimento do saber desses mestres no território municipal.

- d) Incluir no calendário cultural municipal as festividades da Casa de Cultura Lode Apara.

Tal medida objetiva divulgar as festividades que ocorrem na Casa de Cultura Lode Apara, com o fim de inclui-las como uma das variadas manifestações culturais religiosas que Santa Luzia possui.

- e) Desenvolver feiras, festivais e outras ações culturais que deem visibilidade às culturas e às tradições dos terreiros tradicionais.

Tal ação propõe promover a visibilidade das práticas culturais e tradicionais das comunidades de terreiro no município de Santa Luzia.

- f) Criar, junto com os mestres de terreiro, um plano municipal de preservação e de uso de espaços públicos, como matas, cachoeiras, praças, lagoas, parques, rios, para que os adeptos das religiões de matriz africana possam realizar seus rituais de forma segura, isto é, sem serem alvos de racismo religioso.

Tal medida visa assegurar aos adeptos das religiões de matriz africana o direito de professar seus credos no espaço público, urbanizado ou não.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

- e) Subvenção para apoiar financeiramente os custos das festividades anuais da Casa, devendo ser incluída na Lei Orçamentária do município.

Tal ação objetiva destinar recursos públicos para manutenção das festividades anuais da Casa.



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

6.3. Cronograma gráfico das ações de salvaguarda

Atividades	Ano seguinte (2022)	Ano seguinte (2023)
Promover, no âmbito municipal, conferência entre as Casas/Terreiros do município com o fim de discutir e planejar projetos em parceria com o poder público para valorização das práticas socioculturais dos Terreiros, combate à intolerância religiosa, criar ou designar espaços públicos de apropriação para a comunidade de candomblé, entre outras ações.		
Sancionar ou criar lei para desburocratizar a isenção do IPTU para os Terreiros/Casas.		
Promover políticas públicas de valorização e de reconhecimento dos saberes tradicionais dos mestres de terreiro para implementação de ações que garantam a execução das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. É necessário que os mestres sejam contratados como mestres dos saberes tradicionais e, para isso, é fundamental que a Prefeitura crie programa de reconhecimento desses mestres.		
Incluir no calendário cultural municipal as festividades da Casa de Cultura Lode Apara.		
Desenvolver feiras, festivais e outras ações culturais que deem visibilidade às culturas e às tradições dos terreiros tradicionais.		
Criar, junto com os mestres de terreiro, um plano municipal de preservação e de uso de espaços públicos, como matas, cachoeiras, praças, lagoas, parques, rios, para que os adeptos das religiões de matriz africana possam realizar seus rituais de forma segura, isto é, sem serem alvos de racismo religioso.		
Subvenção para apoiar financeiramente os custos das festividades anuais da Casa, devendo ser incluída na Lei Orçamentária do município.		

Legenda	
	Concluída
	Em andamento
	Ação a ser implementada
	Não realizada



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

5. Referências

BARBOSA JUNIOR, Ademir. O essencial do candomblé. São Paulo: Universo dos Livros. 2011.

BARROS, Elizabete Umbelino de. Línguas e linguagens nos candomblés de nação angola. 2007. 295f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:< <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-27112009-102203/pt-br.php>> Acesso em 20 de setembro de 2021.

BRAGA, Liliane Rodrigues de Oliveira. Etnocartografia e modelagem do território sagrado das comunidades tradicionais de candomblé, Santa Luzia, MG. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em:< <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/IGCM-9STNKN>> Acesso em 20 de setembro de 2021.

CARNEIRO, Edison. Religiões negras: notas de etnografia religiosa; Negros Bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Brasília: INL, 1981.

CASTANHA, Taísa Domiciano. Religiões afro-brasileiras em Belo Horizonte e Região Metropolitana: conflitos, violências e legitimação. 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em:< https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSB9AHRF/1/taisa_domiciano_dissertacao_final_numerada_encadernar.pdf> Acesso em 20 de setembro de 2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique (2010). “Ntu”. Revista Espaço Acadêmico 108. Disponível em: <[In http p://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/423](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/423)>. Acesso em 13 de outubro de 2021.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. O candomblé bem explicado: nações bantu, ioruba e fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LOPES, Nei. Dicionário banto do Brasil. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.

MEIRELLES, Cléber dos Santos. Nguzu: um estudo sobre identidade do “povo do santo” no candomblé de matriz Kongo e Angola. 2017. Dissertação (mestrado) –



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MELO, Adriano de. 75% dos escravos levados para o Brasil eram banto. Fundação Cultural Palmares, 2018. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=2889>> Acesso em 01 de outubro de 2021

MORAIS, Mariana Ramos de. O candomblé na metrópole: a construção da identidade em dois terreiros de Belo Horizonte. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Thiara Cruz de; OLIVEIRA, Jurema José de. Ancestralidade: resistência cultural em um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. Caderno Seminal Digital, nº 29, v. 29 (JAN-JUN/2018). Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/30989-110464-1-PB.pdf>>. Acesso em 13 de outubro de 2021.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Do calundu colonial aos primeiros terreiros de candomblé no Brasil: de culto doméstico à organização político-social-religiosa. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano1, n.1, maio de 2008. Disponível em: <https://africaeaficanidades.online/documentos/Do_calundu_colonial_aos_primeiros_terreiros_de_candomble_no_Brasil.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

Relação dos entrevistados e/ou conversas informais

Nome do entrevistado	Data	Idade	Identificação do ator social
Geraldo André da Silva	11/09/2021	76 anos	Mentor espiritual e presidente da Casa. Chamado de Pai Geraldo, Tat'etu Jalabo
Glória Suzete da Silva	15/09/2021	74 anos	Mentora espiritual da casa. Chamada de Mãe Glória, Mam'etu Aparasile
Alexandre Souza da Silva	25/09/2021	34 anos	Tata Kasulembê
Sérgio Wilian Viana Peixoto	25/09/2021	47 anos	Kota Lembakosi
Oswaldo Stuart Luzitano	29/09/2021	66 anos	Tata Kissabá



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

8. Ficha técnica

FICHA TÉCNICA

PROCESSO DE REGISTRO DA CASA DE CULTURA LODE APARA

Elaborado entre os meses de agosto a novembro de 2021

Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
Rua Direita, nº 408, Centro, CEP 33.010-000 – Santa Luzia/MG
Telefone: (31) 3649-7924
Email: cultura@santaluzia.mg.gov.br

Secretária Municipal de Cultura e Turismo
Joana Maria Teixeira Coelho Moreira

Setor de Patrimônio Cultural
Maria Clara de Assis – conservadora-restauradora de bens móveis e integrados
Marco Aurélio Carvalho Fonseca - historiador

Consultoria
Minas Cidades Consultoria em Patrimônio Histórico e Cultural

Equipe técnica (execução)

Marco Aurélio Carvalho Fonseca
Setor de Patrimônio Cultural
historiador
Revisão do dossiê de registro

Maria Clara de Assis
Setor de Patrimônio Cultural
Conservadora-restauradora de bens móveis e
integrados
Revisão do dossiê de registro

Andreia Ribeiro
MinasCidades
Historiadora e cientista social
Pesquisa de campo, entrevistas e produção
textual

Rildo César Souza
MinasCidades
Historiador
Entrevistas, transcrições, pesquisa de campo
e revisão



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

9. Cópia da ata da reunião do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

10. Cópia do documento de homologação do processo de registro



Prefeitura Municipal de Santa Luzia
Secretária Municipal de Cultural e Turismo

Quadro II C – Processo de Registro de Bem Imaterial, na esfera municipal

11. Cópia da inscrição no Livro de Registro Municipal